



# CRONICAR II

OLHARES, SENTIMENTOS E LUGARES



ORGANIZAÇÃO  
MARCOS ANTONIO ROCHA BALTAR  
ALEXANDRE PEDRO DE OLIVEIRA  
CLÓVIS WERNER  
ELIZABETE TEREZINHA GOMES  
EMILY VIVIAN VALCARENGHI  
IVANA DA SILVA CHODREN  
MILTON LUIZ HORN VIEIRA  
PATRICIA CRISTIANA BELLI  
SILVIA VENTURI

# **CRONICAR II: olhares, sentimentos e lugares**

Organizadores

Marcos Antonio Rocha Baltar

Alexandre Pedro de Oliveira

Clóvis Werner

Elizabeth Terezinha Gomes

Emily Vivian Valcarenghi

Ivana da Silva Chodren

Milton Luiz Horn Vieira

Patricia Cristiana Belli

Silvia Venturi

# **CRONICAR II: olhares, sentimentos e lugares**

Florianópolis



2012

© 2012 Universidade Federal de Santa Catarina. Biblioteca Universitária  
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida desde que citada a  
fonte.

Catálogo na fonte elaborada pela DECTI da Biblioteca Central da UFSC

C947 Cronicar II [recurso eletrônico] : olhares, sentimentos e lugares /  
organizadores: Marcos Antonio Rocha Baltar... [et al.]. –  
Florianópolis : UFSC - Biblioteca Universitária, 2012.  
93 p. : il.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-85-65044-03-5

1. Crônicas catarinenses. I. Baltar, Marcos Antonio Rocha.

CDU: 869.0(816.4)-94

## **Créditos**

Realização Universidade Federal de Santa Catarina

Secretaria de Gestão de Pessoas

Departamento de Desenvolvimento de Pessoas

Coordenadoria de Capacitação de Pessoas

Gabinete do Reitor. Biblioteca Universitária

Revisão: Zulma Neves de Amorim Borges e João Prilla

Fotos: Silvia Venturi e Wagner Behr

Normalização e Diagramação: Alexandre Pedro de Oliveira



A vida real de um pensamento dura apenas até chegar ao limite  
das palavras.

Arthur Schopenhauer

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>UMA LUZ ACESA NO FINAL DO CORREDOR DO CC.....</b>	<b>12</b>
<i>Lilian Viscarra Mottana</i>	
<b>NA BATALHA .....</b>	<b>14</b>
<i>Rosângela Terezinha Emerim Moreira</i>	
<b>UM POUCO DE CORUMBÁ .....</b>	<b>16</b>
<i>Adriana Fiori</i>	
<b>QUERIDA PINHEIRO PRETO .....</b>	<b>19</b>
<i>Alexandre Pedro de Oliveira</i>	
<b>UM DOS TRENS DE MINAS .....</b>	<b>21</b>
<i>Diego Maurício Barbosa</i>	
<b>COM OS PÉS DESCALÇOS .....</b>	<b>23</b>
<i>Chirley de Miranda Pilon Carvalho</i>	
<b>O CASTELO DE LAURO MÜLLER.....</b>	<b>25</b>
<i>Maria Inês Nava Azevedo</i>	
<b>A PITORESCA CIDADE DE TRÊS BARRAS.....</b>	<b>30</b>
<i>Elaine Thais da Silva Lima</i>	

**CAÇAPAVA DO SUL, A SEGUNDA CAPITAL FARROUPILHA..... 32**

*Emily Vivian Valcarenghi*

**E SE DEUS NÃO QUISER?..... 37**

*Claudiane Weber*

**CAMINHANDO PELA CIDADE, MINHA PEQUENA PÁTRIA, ITAJAÍ..... 39**

*Clóvis Werner*

**FLORipa..... 44**

*Gisele Iandra Pessini AnaterMattos*

**QUERO A NOSSA FLORIPA DE VOLTA ..... 46**

*José Antônio da Silva*

**A RELAÇÃO ENTRE TRÂNSITO E ILHA DE FLORIANÓPOLIS: UM CAOS ATUAL ..... 49**

*Cristiano Cavalheiro Lutz*

**UMA ILHA ILHADA..... 52**

*Paulo Marino das Neves*

**FLORIANÓPOLIS E UM PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO ..... 54**

*Paola Azevedo*

<b>BALNEÁRIO DA MINHA ADOLESCÊNCIA .....</b>	<b>59</b>
<i>Gilza Maria dos Santos</i>	
<b>A MINHA RUA .....</b>	<b>63</b>
<i>Tamara Pereira de Oliveira</i>	
<b>TRINDADE DE ONTEM, SAUDADES! .....</b>	<b>65</b>
<i>Miguel Arcângelo Broering</i>	
<b>CÓRREGO GRANDE, UM BAIRRO EM PLENO PROCESSO DE ENCOLHIMENTO .....</b>	<b>68</b>
<i>Silvia Venturi</i>	
<b>BENDITA VIZINHA .....</b>	<b>73</b>
<i>Marilda Aparecida de Oliveira Effting</i>	
<b>A MINHA LINDA E MARAVILHOSA FLORIANÓPOLIS..</b>	<b>77</b>
<i>Danilo José dos Santos</i>	
<b>SOBRE OS AUTORES .....</b>	<b>80</b>

## APRESENTAÇÃO

Este *E-Book* foi produzido pela turma 02/2011 do curso de Leitura Crítica e Produção Textual oferecido pelo Programa de Capacitação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), por intermédio da Coordenadoria de Capacitação de Pessoas do Departamento de Desenvolvimento de Pessoas, da Secretaria de Gestão de Pessoas (CCP/DDP/SEGESP/UFSC), entre aulas presenciais e virtuais, oportunizando exercitar o servidor da UFSC na leitura crítica e na produção escrita de diversos gêneros discursivos. Partiu-se do pressuposto de que a comunicação oral e escrita, tanto no âmbito profissional quanto no pessoal, faz parte do dia a dia de todos e, por isso, é importantíssima, pois é por meio dessa competência que conseguimos nos comunicar, fazer negócios, trabalhar, viver... e conviver.

*Cronicar* é um livro que foi escrito num momento em que o conceito de capacitação na UFSC começou a ser reengendrado, o espaço desterritorializado, o tempo flexibilizado, e o servidor um sujeito autoconfiante, autorreflexivo e atuante, que perpassa por um nível de reflexão conceitual no qual lhe é permitido criatividade, liberdade, reinvenção.

Portanto, de um lado, este livro, já na sua segunda edição, pode ser considerado um libelo contra as quimeras preconcebidas acerca do servidor público – aquele que só faz o operacional, mas, de outro lado, poderá ser uma fonte de referência do tudo que esse mesmo servidor sabe criar. Do além a que pode chegar,

do quão por meio da sua escritura textual pode quebrar a chara do “não sei escrever”, do quão cada letra posta com outras vai compor a alegoria da sua crônica travestida pela subjetividade *versus* o fato, podendo vir a dizer “eu posso cronicar”.

Os autores (servidores da UFSC), neste *E-Book* emblematicamente intitulado *Cronicar*, consolidam uma experiência de escrita do gênero crônica posto além da *performance* de um cronista de veia crônica e além da força dos fatos reais em evidência. Os fatos foram capturados por meio de lembranças magnéticas ou desapontos abomináveis de suas cidades ou bairros preferidos, e metaforizados com a fugacidade do morder e do assoprar.

São vinte e duas crônicas compondo os acórdãos de uma sinfonia textual que foge das veredas formais, quebra a senda do *déjà vu*, e põe à prova estilos e linguagens: uma sinfonia que sinfoniza o canto *ufsquiano*.

Eu cronico, tu cronicas, nós cronicamos

O verbo cronicar está solto em todos os cantos da UFSC; do Centro Cirúrgico do Hospital Universitário às Secretarias de Pós, em todos os Centros, todos os Setores. O que acontece aqui “na batalha” cotidiana dos “servidores” está registrado nesta obra, com o olhar implacável de quem constrói diariamente esse lugar. No CC do HU, além de silêncio e concentração, há também risadas para desconcentração, “afinal também somos humanos”. Mas, “aquela luz acesa no fundo do corredor”...

Estamos aqui, mas somos de muitos lugares; da cidade, do estado, da região, do País. Estamos conectados a Corumbá, às comitativas, ao tererê, ao Pantanal. Falamos de Pinheiro Preto – do meio-oeste catarinense, do “trem pagador” e das cantinas de vinho. Roteiro de filme? Admiramos o “trem-bão” de Uberaba: “um dedim di prosa e um queijim”. Conhecemos o paraíso – Imbituba – Itapirubá, o *surf* da Praia da Vila, as baleias da Praia do Porto. Viajamos pela “Estrada de Ferro Thereza Christina” que liga Lauro Müller a Imbituba. Se na Praia do Porto de Imbituba a atração é a baleia Franca, em Lauro Müller destaca-se um imponente castelo medieval. Você não sabia? O sítio da bisavó “Baba” em Três Barras – Caçapava – clareia na mata e nos convida a andar 777 km de Florianópolis a Pedra dos segredos dos Charruas. A cronista, observando atenta às inúmeras referências a Deus nas falas cotidianas de nossas vidas, proclama: “Deus é quando sou”! Nas lembranças do homem – menino de Itajaí também invadem ”devaneios celestiais” na igreja matriz. As badaladas dos sinos confundem-se em sua memória com a voz de sua mãe chamando-o para casa. Terra da Sadia ou do Leonardo Boff? Pergunta-se a concordiana/florianopolitana, “manezinha” de coração. Hoje ela ainda sonha em saborear uma “tainha escaladinha”, acompanhada da cachaça “da boa” do seu Chico. “Quero minha Floripa de volta”, grita o homem tomando seu café no Miramar do Trapiche, que ficava ali perto do mercado. Quem crônica sabe sobre os crônicos problemas da ilha: o trânsito e a especulação imobiliária. E o que será de seu futuro, se o exuberante “verde da Ilha” está sendo trocado, dia após dia,

pelas “notas verdes” da cobiça, pergunta um de seus filhos? Aqui a ponte octogenária tem alma e se queixa à jovem mulher. Extasiada ela confessa reconhecer-se na luz de sua ponte. A menina que brincava de nadar até as pedras Três Irmãs, em Balneário, lugar limpo e aprazível da sua infância; hoje adulta, lamenta-se pela cobiça humana, pela ganância do poder imobiliário que engoliu seu lugar.

A lembrança da “sua Travessa”, atravessada pelo tempo, invade a moradora do Abraão, que só quer poder dizer: “e eu gosto tanto dali”. Também não existe mais a Trindade da década de sessenta. As chácaras, os laranjais. “As pessoas plantavam o que comiam”. No centro da Ilha, ao lado da Trindade, encontra-se o Córrego Grande. As bucólicas chácaras viraram condomínios de casas e de edifícios. O Poção, antes límpido, hoje é cercado de invasões. O córrego já não corre como antes, mas ainda resta o horto, para disfarçar o “encolhimento” do lugar. E no sul, para quem sabe olhar, ainda insiste a Campeche da Rua da Capela, onde Cascaes plantou histórias bruxólicas. A Campeche da tarde de domingo, do jogo de Bingo para a festa do divino. Florianópolis também tem como patrimônio o afamado vento sul – “ventilador gigante soprado pela mãe natureza”. E também abriga “o vento azul avaiano” que acariciou e amadureceu o garoto bom de bola. Sim, enquanto houver verbo, aqui o vento não para...

Boa leitura a todos!

Elizabete Gomes e Marcos Baltar



## UMA LUZ ACESA NO FINAL DO CORREDOR DO CC

*Lilian Viscarra Mottana*

São 7 horas da manhã, em pleno inverno, e ainda não amanheceu completamente. Acabo de passar meu crachá na porta do Centro Cirúrgico (CC para os mais íntimos) de um Hospital Universitário, onde trabalho. O CC tem um corredor e quatro salas cirúrgicas. Para mim é mais um simples dia de trabalho, mas para outros pode ser um dos melhores ou piores dias de sua vida.

Comigo vão entrando também algumas macas carregando esperança, expectativas, sonhos e medo. A gordinha da cirurgia de redução do estômago está sorridente porque vai realizar seu sonho de poder ser magra; já o senhor bem magrinho que vai operar seu esôfago por um câncer está abatido e com um ar de quem não pregou o olho a noite inteira. E a moça de 40 anos que vai retirar sua vesícula biliar por causa de pedras que causam dor abdominal a cada vez que janta está serena e tranquila como se estivesse apenas indo fazer um raio-X. É..., a gente vê de tudo, pra todos os gostos e todos os dias, é a rotina do CC.

Dentro da sala cirúrgica, minutos e horas de trabalho técnico e repetitivo passam lentamente. E para fazer esse tempo passar a equipe intercala momentos de intenso silêncio e concentração com momentos de conversas banais do dia a dia,

com direito a risadas e tudo mais, afinal também somos humanos! Por falar em tempo, veja como ele é relativo! Muitos pacientes dizem que os poucos minutos que esperam até dormir parecem horas, e as horas de cirurgia parecem minutos. Quando chegam na sala dizem: "Demora muito pra dormir?" e quando acordam da anestesia dizem: "Já acabou? Tão rápido?". Essa sequência repete-se várias vezes no decorrer do dia, dias quase sempre tumultuados, com muito barulho e gente pra cá e pra lá no corredor do CC.

O dia se foi, uma dezena de pessoas foi operada e resolveu, se não definitivamente, pelo menos temporariamente seu problema de saúde, outras tantas cumpriram o seu trabalho e garantiram as contas no final do mês, é a rotina do CC. São 19 horas e já está escuro lá fora, e eu pronta para sair do CC e ir embora, não vi nem a luz do dia hoje. Agora está tudo calmo aqui, o corredor está silencioso e escuro, dá até medo, tem só uma luz acesa de uma sala no final dele. Se de dia não dá medo, de noite pode ter certeza que dá, até pra quem está acostumado. Não há mais pacientes, mas os funcionários da noite dizem que de vez em quando sentem gente, ou melhor, fantasmas andando pelas salas. Fantasmas de gente que nesse local passou “dessa pra uma melhor”. Hospital é assim mesmo... Tem dessas coisas, desde o corredor da vida ao eventual da morte, uma rotina vivida entre as risadas e angústias do dia a dia!

## NA BATALHA

*Rosângela Terezinha Emerim Moreira*

Mais um dia de labuta... Visto o meu melhor sorriso e saio de casa, saltitante. Caminho pelas ruas da Trindade às pressas. Já estou em cima do laço. Hoje o dia começou correndo. Não posso me atrasar para o trabalho.

O maldito horário de verão mal chegou, já posso sentir os seus efeitos, e porque não dizer defeitos? Logo entenderão o porquê dessa fala. Ufa, cheguei! Mal adentrei, lá vem o primeiro figurante desta nave navegante. Qual será a piadinha, sem nexo, da vez? O que tem de tão importante a dizer que não pode me deixar entrar, respirar com calma, sentar? Sem mais nem menos, faço de conta que não entendo. Sinceramente, eu mereço? Não, não dá para perder tempo. Afinal, quem disse que funcionário público não trabalha? Trabalha, trabalha e... se atrapalha.

De repente, adentra mais um figurante, que mais parece um palhaço, que errou o caminho do circo. Será que consigo respirar? Não sei. Faço um esforço tremendo e consigo dar aquele sorrisinho amarelo, que é sinal de quem já não mais suporta tanta banalidade a atrapalhar a rotina laboral. Afinal, são quase 30 anos de repertórios repetidos. Quase sempre tenho a impressão de já ter visto este filme.

Nossa, é hoje, meu irmão! Lá vem mais um... Confesso que gostaria de contratar o estilista que veste este coitado. O que



## UM POUCO DE CORUMBÁ

*Adriana Fiori*

Corumbá, cidade localizada no Mato Grosso do Sul, apesar de muitos corumbaenses desejarem ainda ser do Mato Grosso, é um lugar peculiar.

Conhecida, entre outros adjetivos, como “capital do Pantanal” por ser a maior cidade do Estado na região do Pantanal sul-matogrossense, tem mais de cem mil habitantes. O Pantanal, com toda sua exuberância, com certeza é um dos principais atrativos da cidade.

No dicionário, corumbá significa lugar distante”, sinônimo apropriado, pois faz fronteira com a Bolívia, e a cidade brasileira mais próxima é a pequena Ladário, onde habitam, em sua maioria, os militares da Marinha do Brasil, que tem quartel por lá. Depois, só encontraremos outra cidade a uns 200 km, percorrendo uma estrada com muitas lagoas, tuiuiús, jacarés e capivaras. Se tivermos sorte, cruzaremos com uma comitiva com seus peões conduzindo a boiada. É um caminho bonito, mas não se pode ter pressa. O tempo passa devagar no Pantanal.

Corumbá também é conhecida como “cidade branca”, por ter sua terra tão clara, que ofusca os olhos, ainda mais na companhia do sol escaldante, que brilha o ano todo com muita intensidade. O calor é “de matar”! A impressão que se tem é de que tudo vai derreter, aí só um tereré para refrescar.

Provavelmente, nem todos conhecem essa bebida, então pensem em um chimarrão e substituam a água quente por água gelada. Nem todos devem saber também o que é mate, mas os corumbaenses conhecem muito bem e adoram. Se um dia estiver por lá, peça na lanchonete um Mate (refrigerante de erva-mate tostado com guaraná) para beber, e, para comer, uma saltenha com urucum. Vai gostar.

Falando em comida, uma boa pedida são os peixes do Pantanal preparados à urucum, assados, em petiscos, ou ainda em caldos, como o famoso caldo de piranha, muito apreciado na época do Carnaval, aliás, carnaval é um assunto que os corumbaenses entendem bem. Fazem o mais animado do Estado, com seu tradicional Carnaval na Avenida General Rondon (mais conhecida como avenida das Palmeiras, por estar rodeada de palmeiras imperiais), com blocos e até escolas de samba com desfiles de carros alegóricos.

Não posso deixar de citar o sotaque do corumbaense, possivelmente uma mistura do jeito de falar do carioca, muito presente na região por causa da Marinha, com o espanhol dos bolivianos que circulam pela cidade vendendo desde relógios até bananas. A fronteira com a Bolívia, além da influência no modo de falar, chama a atenção por algumas cenas que vemos pela cidade, como as imagens das mulheres bolivianas carregando seus filhos pequenos nas costas, amarrados em panos coloridos.

Como toda cidade, Corumbá também tem suas lendas, como a do “minhocão” que mora no rio Paraguai e de vez em quando sai para assustar alguns pescadores. Ou ainda a do Frei,

que hoje dá nome a uma das principais ruas da cidade, Frei Mariano, que jogou suas sandálias no rio, amaldiçoando o lugar.

Corumbá é uma cidade particular, por seu sotaque, suas paisagens, sua comida, seu ritmo e suas lendas. Ainda bem para os sul-matogrossenses que ela não é do Mato Grosso.

## QUERIDA PINHEIRO PRETO

*Alexandre Pedro de Oliveira*

Cidade equivalente a um bairro de Florianópolis. Talvez em número de pessoas. Talvez com um menor número de pessoas. Eis a dimensão da população da minha cidade. Aliás, o seu nome deriva dos altos e imponentes pinheiros enegrecidos pelas queimadas. No entanto, não foi esta a informação repassada no ensino fundamental. Fruto da imaginação ou não, um raio atingiu um pinheiro próximo à estação ferroviária. Não muito diferente da primeira versão, o pinheiro havia tostado, enegreceu.

Todos os viajantes que ali passavam mencionavam aquele lugar como a estação de Pinheiro Preto. Lugar que até hoje é cortado por duas avenidas, um rio e uma ferrovia. Dizem que a cidade desenvolveu-se pela implantação daquela, intitulada Estrada de ferro São Paulo – Rio Grande. Lugar que se duvidar ganharia um Oscar de melhor roteiro. Local em que ocorreu o assalto ao trem pagador liderado por Zeca Vacariano, fato que rendeu a este um milhão de reais. Ao município ponto turístico, o qual apresenta uma cruz próxima ao túnel da ferrovia. Uma homenagem aos mortos no assalto.

Cidade em que ocorreu o primeiro assalto a trem no Brasil. Não merecia um roteiro de filme? Filme em que atuam



beltranos, ciclano e fulano. Eita cidadezinha que adora uma fofoca! Beltrano sabe de fulano que sabe de ciclano. Eis a vantagem de uma cidade grande. Contudo há exceções. Se considerarmos a fofoca como *hobby* ou passatempo, porque ali não há *shopping*, cinema, praia, teatro entre outros, há o povo batalhador. Povo que trabalha na agricultura e cantinas, porque ali há produção de uvas e vinhos, ou na prefeitura, ou nas cidades vizinhas trabalhando no comércio. Mesmo na falta de perspectiva para os que ali vivem, esses cidadãos constroem ou tentam construir o município através de uma identidade turística: visitas a vinícolas, ao túnel e à cruz, ao museu e na degustação da culinária e vinhos.

Caso queira conhecê-la, um dia é o ideal. Talvez algumas horas para aqueles que não se distanciam das redes sociais, celular, internet, civilização e o grande comércio. Uma cidade contrastante a cidades como Florianópolis e outras capitais. Uma cidade pacata, imersa pela natureza, cidade interiorana do meio-oeste catarinense. Eis a minha terra: Pinheiro Preto.

## UM DOS TRENS DE MINAS

*Diego Maurício Barbosa*

Não nasci lá, não cresci lá, apenas morei por alguns anos e aprendi a amar. Vou contar um “tiquim” da história de um dos “trens” de Minas Gerais.

Pra começar, fica logo “ali”, “pertim” da divisa com São Paulo, no triângulo mineiro, onde as principais cidades começam com B: “Beraba, Berlândia e a B... B... B... Bosta do Araguari”.

Cidade pacata, sem muito movimento, cidade com “jeitim” de cidade do interior. Povo hospitaleiro como todo o resto de Minas, bom pra “um dedim di prosa”, só não se espante se passarem de umas quatro horas seguidas; aproveite tomando um cafezinho e comendo uns pãezinhos de queijo feitos na hora, estes, você não encontra igual em nenhum canto do Brasil, de “tão bão que o trem é”.

Foi fundada há quase dois séculos por Antônio Eustáquio da Silva e Oliveira, capitão-mor na época. A partir de então, teve início uma história de muitas conquistas desse povo acolhedor.

Na Guerra do Paraguai a cidade foi caminho das tropas do exército, e Visconde de Taunay descreve sua paisagem assim:

Inúmeros regatos, córregos, ribeirões e possantes rios, semeados de flores, com um sem número de pássaros, aves e animais, todos esquivos e que mal se enxergam escondidos nas matas e capões, inçados de cobras de veneno virulentíssimo, cascavéis, jararacuços, urutus, todas ariscas, fugitivas, e que só causam dano quando se tem a infelicidade de pisá-las e magoá-las<sup>1</sup>.

O tempo passou, e a cidade ficou conhecida por sua pecuária e principalmente pelo gado da raça Zebu, do qual, as primeiras espécies vieram da Índia. Todos os anos a cidade recebe visitantes do Brasil e do mundo para a Expo-Zebu e os seus leilões milionários.

Sem muitos pontos turísticos, a cidade tem uma arquitetura antiga, com suas igrejas e residências todas preservadas, que chamam muito a atenção dos seus visitantes. Mas se “ocê quisé” tem uns parques, zoológicos, museus, só pergunta pro pessoal “onquié” que “ocê” acha “rapidim”. Só não se esqueça da culinária que é “o trem mais bão que eu já cumi”, doces de leite, queijos, goiabadas, feijão tropeiro, ah, e sem esquecer as cachaças...

É... Vale a pena conhecer Uberaba, esse cantinho no meio do nosso Brasil, gastar uns “dedim di prosa” tomando aquele cafezinho feito na hora, comendo uns docim e um “quejim” com goiabada cascão.

---

<sup>1</sup> UBERABA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Uberaba>>. Acesso em: 23 nov. 2011.

## COM OS PÉS DESCALÇOS

*Chirley de Miranda Pilon Carvalho*

Conheces o paraíso? Vou te dar o endereço. Lá não tem engarrafamento, o ar é puro, a paisagem é estonteante, e as praias são uma delícia.

Sinto saudades de Imbituba, dos meus pés descalços a pisar a areia molhada da Praia da Vila, enquanto a brisa marinha arrepiava os cabelos, e os olhos se deliciavam perdendo-se no horizonte. No final de tarde, após o trabalho, divertia-me a observar o voo das gaivotas sobre as ilhas Santana's, as crianças brincando, pessoas caminhando, praticando esporte à beira-mar, surtem! Em pleno dia de semana!

No inverno é possível observar baleias nas praias de Imbituba. A praia de Itapirubá é uma das melhores para se avistar esses grandes e dóceis animais. Lá na praia do Porto, onde antes fora um dos maiores matadouros de baleias do Brasil, hoje podemos encontrar um barracão transformado em museu que preserva os instrumentos utilizados na época. Também há ossadas de baleia, e podemos ficar conhecendo um pouco mais da história de Imbituba. Eventos esportivos são o forte de Imbituba devido à natureza privilegiada. A praia da Vila, com suas ondas perfeitas, sedia um campeonato internacional de *surf*, o WCT, que atrai para a cidade muitos turistas internacionais e grandes atletas das ondas. Essa movimentação acaba sendo

importante para a economia local, movimentando bares, pousadas, hotéis e lojas especializadas em *surf shop*.

Outra opção de lazer da cidade são os passeios de trem pela Ferrovia Tereza Cristina. A Maria Fumaça segue pelo litoral passando pelas cidades de Laguna, Capivari de Baixo, Tubarão, chegando a Jaguaruna, passando por várias paisagens deslumbrantes. A praia do Rosa, considerada uma das trinta baías mais belas do mundo, que muita gente pensa que pertence a Garopaba, na verdade é uma das nove praias maravilhosas e totalmente preservadas do município de Imbituba.

Mesmo com todo o turismo e as riquezas naturais da cidade, ela ainda mantém ares de cidade interiorana, proporcionando aos seus habitantes qualidade de vida difícil de ser encontrada nos dias de hoje. Muitos filhos de Imbituba aventuram-se mundo afora em busca de maiores oportunidades de trabalho, ficando a esperança do retorno na melhor idade.

Afortunadamente, passados quatro maravilhosos anos nessa cidade, tive a oportunidade de encontrar minha alma gêmea e ter recebido um dos melhores presentes que a vida poderia ter-me dado, Henrique, que completa hoje um ano de vida.

Como os filhos de Imbituba, eu também parti da cidade em busca de outros desafios, e desafio o trânsito de uma capital louca todos os dias, na esperança de um dia poder voltar para o meu paraíso.

## O CASTELO DE LAURO MÜLLER

*Maria Inês Nava Azevedo*

Poucos sabem desse castelo. Exceto os filhos da terra, os bons leitores, os curiosos e viajantes. Fica na Europa? Não, em Santa Catarina – este Estado do Sul do Brasil, no qual se encontram o Vale Europeu, o Caminho dos Príncipes, colonização alemã, polonesa, italiana e a de outros imigrantes.

Não é um castelo com a magnitude do Edinburgh da Escócia, que observa a cidade do alto de sua elevada colina, mas é um castelo como a maioria dos edificadnos nos países europeus e de existência milenar. Dizem que o castelo de Lauro Müller é uma réplica de um castelo suíço. Ainda não encontrei evidências dessa afirmativa. Mas é um castelo com características semelhantes aos medievais.

Estrategicamente, os castelos espalhados pelo mundo foram edificadnos na parte alta da cidade, cercadnos de muralhas, lago, rio ou mar - garantia de domínio e proteção do ataque inimigo. O de Lauro Müller está lá no alto de uma elevação e oferece um visual pleno da cidade, com mirante na sua torre circular e grande muralha de proteção. Visível desde longe para quem se aproxima da cidade de Lauro Müller, o castelo é um alerta de que ali é um lugar especial, pelo romantismo de sua arquitetura e pela sutileza dos contos de fada que alguns visitantes ousaram criar.

Frequentado no século passado por nobres cavaleiros, não tão medievais, filhos da família Catão da cidade do Rio de Janeiro, que escolhiam esse lugar para passar as férias dos meses gélidos do inverno, hoje ele encanta a cidade e a faz destacar-se no roteiro turístico do sul do Estado – um pedacinho da Itália na formação e na cultura dessa gente hospitaleira. Em pleno século XXI, o castelo, que foi por muito tempo pintado de branco, ainda está lá, imponente, com a mesma torre, embora amarelo, mas continua inspirando magia e provocando curiosidade e cobiça.

O principal acesso é a Rodovia SC-438. O Bairro Arizona – parece que há uma influência americana por aqui - anuncia que o ponto central da cidade está próximo. Continue em frente, margeando o rio e não perca de vista o castelo. À sua esquerda, uma obra de arte - uma edificação arquitetônica com elevações pontiagudas - contrasta com a visão medieval do alto do morro. A construção moderna é a Rodoviária Rolando Périco, que ocupa o espaço da antiga usina, cujo apito ensurdecido controlava a labuta diária dos operários no passado. Também à esquerda, havia a estrada de Ferro Thereza Christina que passava por ali, com vagões oriundos das minas de carvão, escavadas em todos os lados da cidade, e tinham como destino o Porto de Imbituba, os quais transportavam a riqueza de Lauro Müller a vários lugares do mundo.

O castelo se aproxima. Esqueça a primeira ponte à direita, que vai dar na Vila dos Operários e chegar ao Colégio Visconde de Taunay, cujas histórias provocarão desvio do castelo, que por si só enreda várias histórias. Siga em frente, à direita outra ponte,

aquela que ostentava à sua cabeceira a grande Casa São Luiz, de Franquelino Locatelli, com grande comércio que fortaleceu a região durante anos – quase um castelo pelos personagens que ali viveram e pela sua dimensão, de um lado; do outro, o Clube Cruz de Malta, o Cinema e a Praça. Opa! Havia, de um e do outro lado do rio, símbolos importantes da cidade, mas desapareceram num dos momentos de terror que a cidade viveu, com a enchente avassaladora ocorrida no dia 15 de fevereiro de 1971.

A Praça está ali, de volta. Foi reconstruída, com nova forma, é verdade, mas ainda ostenta o busto de Henrique Lage – afinal seu nome faz parte da história do castelo e impende que se perpetue, pois já vimos que a secularidade é uma característica desse monumento - e a história desse castelo começou apenas em 1919. E quanto tempo dura um castelo? Na Inglaterra, o castelo de Windsor foi originalmente construído por Guilherme, o conquistador, há quase dez séculos. Este é considerado o castelo mais antigo do mundo ainda habitado, e pela família real da Inglaterra. Algumas semelhanças nas histórias de castelos precisam ser evidenciadas. Em Lauro Müller também foi construído um castelo, e pelo conquistador Henrique Lage que, para provar seu amor à cantora lírica, a italiana Gabriela Benzanconi, presenteou-a com dois castelos: um na cidade do Rio de Janeiro, hoje Escola de Artes Visuais do Parque Lage, e outro em Lauro Müller, onde construiu sua fortuna, quase toda encampada pelo governo após sua morte.



Nem precisa chegar à praça para perceber que Lauro Müller tem um castelo. De todos os ângulos da cidade ele é avistado, porque está no alto. Sabiamente, o hospital também está no alto, do outro lado da cidade. A igreja também ocupa a parte alta e central. Nada deveria ter sido construído à beira do rio. Ele é traiçoeiro. Aparenta ser um córrego tranquilo na maior parte do tempo e se transforma em gigante indomável em dias de chuva contínua, cujas águas se acumulam na serra e descem indóceis e implacáveis, arrastando animais das pastagens do planalto e tudo o que há em sua volta.

Ao sair da praça, encontra-se a Rua Henrique Lage, que leva à Serra do Rio do Rastro, em poucos vinte minutos. Deixe o Castelo de lado, por enquanto, e siga em frente até o Bairro Cairu. Na esquina do Posto Ipiranga, entre à esquerda e, devagar, aprecie a natureza mais exuberante que já se viu. Em poucos minutos inicia-se a íngreme subida à Serra do Rio do Rastro - um monumento natural presenteado à cidade de Lauro Müller, mas é um patrimônio de todos, e os turistas podem passar por ela, fotografá-la, admirá-la e agradecer a Deus por ter deixado à humanidade um patrimônio esculpido de forma tão magnífica.

O castelo, de muitas lendas e belas lembranças da infância e da adolescência, não se transformou no patrimônio histórico da cidade. Já não se pode mais admirar seus jardins coloridos, multiformes e de flores exóticas. Também seu interior, com móveis de madeira nobre e de verniz escuro, em estilo inglês, suítes equipadas com lareiras, ficou inacessível. Não é possível tocar nas espessas paredes de pedra, chegar à sua torre

exuberante e mágica, ao grande salão subterrâneo e labiríntico, com saída clandestina ao pé do morro. Talvez seja possível apenas chegar ao grande lago, atrás e distante dele, ou avistar a videira no declive da encosta frontal da encantadora obra de arte, que já foi Pousada Fazenda Castelo. Agora, embora tombado pelo Estado, é propriedade particular.

## A PITORESCA CIDADE DE TRÊS BARRAS

*Elaine Thais da Silva Lima*

Tal qual o dito *Mãe é aquela que cria, não aquela que dá a luz*, ousou dizer que terra natal é aquela que nos acolhe, pano de fundo presente e indispensável em nossas lembranças.

Embora minha certidão de nascimento ateste a minha naturalidade paranaense, devo esclarecer que esse fato é reflexo da ausência de maternidades na pitoresca cidade de Três Barras, no estado de Santa Catarina, na década de 80.

Palco das lutas do Contestado, Três Barras carrega ainda uma cultura extrativista não superada. A vida de pouco mais de dezoito mil habitantes gira em torno do comércio e das poucas empresas que lá atuam – duas delas com reconhecimento Brasil afora – dada a facilidade do plantio e extração de madeira.

Para alguns, o campo ainda é uma opção. E essa é a melhor parte da cidade: muito verde e pouco asfalto! Aliás, na minha infância, os momentos passados no sítio da *Baba*, como era chamada minha bisavó, são os primeiros a serem lembrados. Uma pequena casa, em um bom pedaço de chão, costumava ser o endereço preferido para as reuniões de família...

Outro aspecto peculiar das pequenas cidades é a convivência em uma espécie de grande família. Enquanto nos grandes centros, dezenas de apartamentos são empilhados em pequenos blocos, sem que se saiba ao certo quem mora ao lado,

nas cidades do interior predominam as casas, grandes o suficiente para acolher amigos em longas reuniões da vizinhança. Horas a fio são vividas em comunidade.

Claro que esse aspecto tem seus reflexos negativos: não se anda em uma pequena cidade com sandálias e meias coloridas sem que grande parte dos moradores te reconheça como o “*sem noção*”, filho da dona Maria, o morador da Vila Nova, e assim por diante... Coisas de cidades pequenas como a pitoresca Três Barras.

## CAÇAPAVA DO SUL, A SEGUNDA CAPITAL FARROUPILHA

*Emily Vivian Valcarenghi*

Apesar de ter nascido em Porto Alegre, por um evento do destino, sinto-me como uma caçapavana nata. E falarei um pouco dos costumes e da cultura presentes nessa terra.

De origem tupi guarani, cassapava significa “clareira na mata, fim da estrada na mata, fim da travessia no monte”. Originária de uma ocupação militar de um antigo aldeamento dos Charruas por volta de 1777, com a derrota dos espanhóis ela foi crescendo e passou em 1831 a ser considerada vila, e, mais tarde, em 1885, foi elevada à cidade. Possui hoje cerca de 50.000 habitantes.

Por sua localização estratégica, diversas vezes participou de guerras, como na Revolução Farroupilha, tornando-se a segunda Capital da República Rio-Grandense, no período de janeiro de 1839 a maio de 1840.

Hoje considerada a segunda Capital Farroupilha e Capital do Calcário, tem sua economia baseada no calcário, pecuária de corte e agricultura, além de diversas riquezas naturais – que não são aproveitadas como deveriam no que se refere ao turismo.

A 777 km de Florianópolis, localiza-se na metade sul do Estado do Rio Grande do Sul, entre as cidades de Santa Maria,

São Gabriel, Bagé, Cachoeira do Sul. Ao chegar pela BR- 290, você encontrará o portal da cidade à sua direita. Siga até o final do asfalto, pela Rua Presidente Kennedy, e visualizará a escola Cônego Ortiz à esquerda – onde nunca estudei. Siga até o final dessa rua, mais umas três quadras de paralelepípedos, você chegará a uma pequena rótula. Siga pela direita, pela Rua Benjamim Constant até a Rua 15 de Novembro, rua principal da cidade. Dobre novamente à direita em direção ao Forte Dom Pedro II. Você verá a Escola Estadual Dinarte Ribeiro, à esquerda, e a Igreja Matriz à direita, que teve sua construção iniciada em 1815 – nos últimos 15 anos já está em sua segunda reforma. Ao lado da igreja, no Largo Farroupilha, foi construída uma fonte luminosa de águas dançantes, que só funcionou de 1969 a 1973, portanto, nunca a vi em funcionamento. Na minha época, vi algumas vezes crianças banhando-se nela, e só. Seguindo pela Rua 15, passando a praça da matriz e o Clube União Caçapavano – um de seus construtores foi meu avô, que, mais tarde, tornou-se vereador – encontramos o antigo prédio do Reduto Farroupilha, hoje Biblioteca Municipal e Museu, e o índio de ferro em frente ao quiosque da cidade.

No final da rua você chegará finalmente ao Forte Dom Pedro II. Esse forte foi projetado pelo General José de Souza Soares Andréa (Barão de Caçapava), presidente da província e comandante das armas. Com alguns entraves, o forte teve sua construção encerrada em 1856 e até hoje continua inacabado. Possui uma forma de polígono hexagonal, com paredes construídas em pedra e cal. Tem altura entre 8 a 11 m, com largura de cerca de 1 m. Abrange uma área de 27.000 m<sup>2</sup>.

A frase de todos os caçapavanos: “Caçapava não se entrega”, fora dita pela primeira vez pelo soldado Lino Azambuja, nas trincheiras da Guerra do Paraguai. A frase ficou, mas seu autor foi esquecido. Diz a lenda que ele vagou pelas ruas da cidade, ferido na guerra e com neurose de guerra, ia a pé de Caçapava até Cachoeira, onde faleceu. Diz-se também que as crianças, por desconhecerem seu passado, mexiam com o “louco” para vê-lo esgrimar com um bastão e lançar seu grito de guerra.

Voltando pela mesma rua em direção ao sul, você encontrará o CTG ou Centro de Tradições Gaúchas Sentinela dos Cerros; a Pipa do Noca, construída por um professor, com peças de metal e olhos feitos de bolitas, para representar um dos homens que distribuía água pelas casas da cidade, antes de haver encanamento. Depois de alguns anos, colocaram um cão também de metal ao lado do Noca, descaracterizando um pouco a obra. Mais adiante a Casa Romana, construída por um aficionado pela história romana, que resolveu transformar sua moradia em estilo autêntico, com o jardim repleto de estátuas.

Para quem gosta de aventuras, a 50 km da cidade você poderá visitar as Guaritas, uma cadeia de serras com vales profundos e grandes pedras. Foi designada uma das sete maravilhas do Rio Grande do Sul.

A 7 km, pela RS-357, tem a Pedra do Segredo. Dizem que as pedras gigantes lembram um perfil de casal de gorilas: tem 160 m de altura, possui três cavernas – a caverna da escuridão, o salão das estalactites e a caverna Percival Antunes. Há diversas lendas populares sobre tesouros jesuítas escondidos no local. Em

uma das cavernas, luzes são apagadas pelos gases deletérios, que tais lendas atribuem aos espíritos de índios que guardam o tesouro.

A 70 km, a Mina do Camaquã é uma mina de cobre desativada, que virou uma pequena vila de Caçapava do Sul, chegando a quatro mil habitantes. As extrações iniciaram por volta de 1865, chegando a serem extraídas dez mil toneladas de cobre ao ano. Após sua desativação, em 1996, com o esgotamento das reservas, a pequena cidadezinha parecia uma cidade fantasma, mas parece mesmo um museu ao ar livre.

Foi construída uma cruz com 20 m de altura, hoje denominada Pedra da Cruz, em 1968, com o objetivo de visibilidade para aviões. Morro e cruz atingem uma altura de 145 m.

Além desses pontos turísticos, há outros diversos, como a Fonte do Conselheiro, Fonte do Mato, Gruta da Varzinha, Casa Borges de Medeiros, Cascata do Salso, Toca das Carretas, Casa dos Ministérios, entre outros.

Como em toda cidade, existem alguns personagens que se destacam ao longo das gerações: em minha infância, existia um andarilho que vivia bebendo pelas ruas. Chamávamos de Antônio, o louco. Havia também uma senhora andarilha, sempre com um saco, que nunca sabíamos o que havia dentro, mas nossos pais, quando queriam que nos comportássemos, diziam que chamariam a Nikita para nos levar no saco. O Teco é um dos personagens que está lá há diversos anos: é um jovem especial, que estudou na APAE, anda pelas ruas juntando coisas pelo chão e resmungando sempre alguma coisa. Quando fica



---

triste ou bravo, chora muito. Nunca deixa de cumprimentar alguém. O Sr. Pedrinho, sempre de pés descalços, levava consigo uma lata onde tomava café; nela carregava ossinhos, que dizia ser seu gado.

Após visitar Caçapava do Sul, você entenderá por que o orgulho de ser gaúcho e de ser caçapavano é intenso. Infelizmente isso tem se perdido nos habitantes que não valorizam sua história e sua identidade.

## E SE DEUS NÃO QUISER?

*Claudiane Weber*

Dia desses, assistindo televisão... Nesses dias que nada lhe apetece, e você troca de canal dezenas de vezes, comecei a me dar conta de que todas as pessoas falavam de Deus. Deus? Sim, Deus.

- Se Deus quiser, ganhamos este jogo.
- Graças a Deus, conseguimos a vitória.

Como assim, se Deus quiser?

No meu tempo, ainda de escola isolada, sempre rezava para ganhar os jogos. Esses jogos de campeonatos que escolas participam.

Dizia eu pra Deus:

– Meus adversários também devem estar rezando, então, Deus, vê se me atende primeiro! Prometo me comportar.

Quase nunca ganhava, então, ficava de mal com Deus!

Depois, comecei a me dar conta de que tinha que jogar, correr, estudar os adversários e estratégias, montar um bom time... E, vitória!!!

Nesse caso, Deus não devia estar curtindo o domingo, pensava.

Ainda bem que preciso apertar somente o botão do controle e não preciso pedir a Deus para trocar de canal.

- Oh, Deus!! Me ilumine para passar nesta prova!
- A vida vai como Deus quiser!

- Deus quer assim!
- Deus há de intervir no jogo do Avaí com o Figueira!!!
- Deus há de me ouvir!

Será que é por isso que há tantos santos?

Afinal, são tantos pedidos... Somente com muitos assistentes para atender a todos.

E o primeiro mandamento não diz: “Não usar seu santo nome em vão?”

Agora ouço uma música, dessas que tocam em todas as rodinhas de cerveja, de Zeca Pagodinho:

*Vida leva eu!*

*Deixa a vida me levar*

*Vida leva eu!*

*Sou feliz e agradeço*

*Por tudo que Deus me deu...*

*Só posso levantar*

*As mãos pro céu*

*Agradecer e ser fiel*

*Ao destino que Deus me deu*

Destino... Mas não tenho também o livre arbítrio?

Não sou eu o responsável pela minha vida? Responsável pelas minhas escolhas?

Se tudo é destino, por que as leis? O Estado e as instituições?

Bom, a vida é curta demais para ser pequena!

Aliás, vou entregar os problemas nas mãos de Deus, e que tal um cafezinho gostoso agora?

Tenho pra mim que Deus É, quando Sou!!

## CAMINHANDO PELA CIDADE, MINHA PEQUENA PÁTRIA, ITAJAÍ

*Clóvis Werner*

Pléc! Fechava-se o trinco do portão atrás de mim. E lá ia eu criança, tomando o rumo da escola, do Grupo Escolar Victor Meirelles, em monograma azul bordado no bolso branco da minha camisa do uniforme. Saía da proteção do quintal e entrava no mundo da rua, pegando à esquerda a calçada de ladrilho preto e branco da nossa casa. Se tivesse pegado à direita, bastava uma quadra e estaria nos portões do porto internacional de Itajaí, com os navios ancorados bem ali, quase ao alcance das mãos. À esquerda, portanto, andava menos de cinquenta metros e estava na esquina do Ponto Chic, da nossa Rua Henrique Douat com a Rua Tijucas, que à direita levava a Blumenau e à esquerda para a minha escola. A primeira vista que se tinha a partir dessa esquina era a da imponente Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento, a Igreja Nova. Logo ao final de cinco quadras, bem no meio da rua, depois da praça e do adro. Majestosa, em estilo românico com perspectiva gótica, com duas altas torres fronteiriças – nomes que só aprendi depois de grande – em que os sinos davam as horas cheias e as frações. Até hoje, quando ouço daqueles sons, pareço escutar de longe, no ritmo de cada badalada, a voz da minha mãe me chamando pra casa: “Clóóó-viiis!...”. Nas missas das nove e meia, aos domingos

de manhã, ficava encantado com as enormes pinturas “renascentistas” e os dourados do teto e das paredes, e com a luz difusa e multicolorida que atravessava as cenas bíblicas de cada vitral das janelas. O som do coro e do órgão, em fervorosas melodias dos fiéis, ajudava a compor o cenário para os meus devaneios celestiais. Diante da matriz, tomava à esquerda – sempre à esquerda! – em direção à Rua Hercílio Luz, principal rua de comércio do centro da cidade. Já na esquina dessa rua, depois de cruzar a ajardinada Avenida Coronel Marcos Konder, via à direita o pequeno e majestoso prédio da Prefeitura Municipal, hoje Museu Histórico da cidade. Um edifício de dois andares num misto de estilo clássico com *art nouveau*, uma joia da arquitetura ainda preservada. Nessa mesma tomada de cena – para usar uma linguagem panorâmica que aprenderia depois com o cinema – avistava, ao lado da prefeitura, o tradicional e simpático edifício do meu grupo escolar. Um daqueles edifícios construídos com esmero e carinho, singelo testemunho de um tempo em que se caprichava nos edifícios-templos da educação.

O meu grupo tinha um pátio central cercado por salas de aula avarandadas. Nesse pátio declamei um poema diante de todos os alunos. O piso de ladrilho hidráulico dos corredores, em geometria harmoniosa, marrom e amarelo, permanece o mesmo até hoje. Desde há muitos anos o edifício do grupo abriga a casa de Cultura Didi Brandão, um importante artista plástico da cidade, que esculpiu uma cena sobre o altar-mor da Igrejinha Velha. A Igrejinha Velha era antigamente a igreja matriz de Itajaí, e continua lá, ao fim da Rua Hercílio Luz, distante uma meia dúzia de quadras depois da minha escola – se

eu fosse caminhando para o centro da cidade. Mas esse era um caminho para outros dias, como nos fins de semana, quando eu ia para a matinê no Cine Itajaí, no Cine Rex ou no Cine Luz. Sim, na minha infância, meados da década de 1960, havia três cinemas em Itajaí, cidade com uns cinquenta mil habitantes. Bons tempos de se caminhar tranquilo pelas ruas.

Na frente da igreja velha está a Praça Lauro Müller, ainda hoje com o seu velho coreto. Entre a quadra do meu grupo escolar e a beira do rio, para onde ainda correm curiosos transeuntes a cada manobra de entrada e saída dos navios, havia – e ainda há – o Guarani. Sede do clube da pequena classe alta da cidade, famoso por seus bailes de debutantes e pelas suas terças-feiras gordas de Carnaval. Duas quadras depois do clube, em direção ao centro, ficava o Banco INCO: Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina, que possuía filiais com sedes próprias em várias capitais do País. Imagina: Minha cidade tinha um banco! Depois, outro banco de fora o comprou. Nessa época, eu ouvia falar da importância econômica e cultural da minha cidade, que tinha algumas fábricas, era o maior porto exportador de madeira do Atlântico Sul e tinha uma estreita relação com a antiga capital federal, o Rio de Janeiro, e com outras grandes cidades da Europa. Por causa do porto, estava sempre antenada com as modas e as novidades do mundo. Até “fábrica” de televisão havia em Itajaí: Ariston (pensei que fosse Zenith).

Depois, não sei que fim levou... De certo, acabou. Para os fundos da Igreja Matriz está o Clube Náutico Marcílio Dias, escolha aleatória na minha torcida de futebol, já que meu amigo e vizinho torcia pelo Clube Náutico Almirante Barroso.

Defronte do clube, o Herbário Barbosa Rodrigues, guardião da flora catarinense, referência mundial para os botânicos. Espaço pouco conhecido da população, que, até hoje, mesmo eu, ainda ensaio para visitar. Mais para os fundos da Igreja Matriz, vê-se o famoso Morro da Cruz, ponto alto da região, com 180 metros de altura. Lá do alto, veem-se os terrenos da antiga estrada de ferro e os aviões sobre o aeroporto, agora na cidade vizinha. Nesse morro fiz o meu primeiro passeio escolar, o meu primeiro piquenique, aos sete anos de idade. Subíamos em fila, caminhando dois a dois, de mãos dadas com os coleguinhas da escola. Uma aventura urbana! Como lanche, levei um sanduíche caseiro, dois ovos cozidos e uma garrafa de laranjinha. Certamente, Max Wilhelm. E, pasmem!, meu pai me emprestou um abridor de garrafas para, na hora certa, eu abrir o meu refresco. Coisa de gente grande! Não via a hora de chegar esse momento. Até hoje, quando vou a Itajaí, gosto de subir ao morro para olhar a cidade lá de cima. Uma maravilha. Vê-se o rio e a boca da barra, a foz do rio Itajaí Açu, por onde entram e saem os navios e os barcos de pesca, e veem-se os recortes do litoral, com a cidade de Navegantes à esquerda e as praias de Itajaí à direita. Depois do Bico do Papagaio, escultura natural em pedra, sobre os costões, vê-se a praia de Cabeçudas. Outrora de gente elegante, era a minha praia nos primeiros anos da juventude, a seis quilômetros do centro da cidade. Esse recortado de pedras à beira-mar, com essa paisagem cheia de verde e de morros, e de casas na beira dos penhascos e nas encostas, é a minha eterna *Côte d'Azur*, mesmo que hoje dizem ser parte de uma tal Costa Esmeralda. Sempre que vou a Itajaí,

onde moram meus pais e meus irmãos, faço esse percurso a pé, de casa até o centro da cidade, deliciando-me com as lembranças dos tempos de escola, encantando-me com os belos edifícios da paisagem urbana que a cidade ainda consegue guardar.

Caminho indo e vindo pelos mesmos caminhos de antes. Passeio e volto pra casa. A nossa calçada já não tem os mesmos ladrilhos. Mas, na minha memória, vejo-os na ausência deles. Entro feliz no quintal e fecho o portão atrás de mim. Pléc!



## FLORipa

*Gisele Iandra Pessini AnaterMattos*

Sabe quando te pedem para *falar sobre* e você não tem nada a dizer? Então, aqui estou para falar sobre o nada que sei a respeito da minha cidade natal. Antes, porém, questiono-me: Que sentido poderia ter para mim o lugar em que nasci? Sabe quando te dizem “pai é quem cria”? Então, se pai é aquele que assume criar o ser que outro alguém botou no mundo, só tenho de admitir então que Concórdia me botou no mundo, mas Floripa me acolheu, educou-me e assumiu criar-me como filha.

Claro, poderia descrever sobre as belezas daquela cidade de colonização predominantemente italiana e alemã, habitada por muitos gaúchos e referenciada por suas grandes indústrias, como a Sadia. Engraçado que é só dizer “nasci em Concórdia” que logo retrucam “Ah! A terra da Sadia!”. Poxa! Não podia ser a de Leonardo Boff? Dizem que ele também nasceu por lá. Contudo, como iria eu textualizar acerca de um lugar sem que os sentimentos pudessem entrelaçar as minhas palavras e levar ao leitor a emoção de ser uma cidadã concordiense? Seria injusto, comigo e com você, leitor.

Falo então da antiga Desterro. Floripa, Ilha da Magia, onde aprendi a ser *manezinha* bem pequena, aos dois anos de idade. Que tainha é bom *escaladinha*, que pirão é bom o d’água. e que o vento *brabo* é o *vento sulí*. Pena não ter vivido nos

tempos em que ainda se podiam curtir as intactas belezas das suas inúmeras praias, quando o mané, como “Seu” Chico, ainda fazia cachaça da boa e biju bem branquinho. Acho que posso ao menos vislumbrar a travessia da bela e formosa Hercílio Luz, sobre o estreito que une mansamente a ilha ao continente.

Tempo bom aquele em que o transporte público atendia às necessidades do povo e o caos ainda não habitava sobre as nossas cabeças. Jamais a natureza reuniu tanta beleza (e tanto estresse). Um pedacinho de terra perdido no mar (nem tão perdido, está sim é muito visado). Legal era ver o boi de mamão e a Maricota, ouvir Ratoeira e escutar as histórias num tom açoriano, ligeiro, pelas rendeiras da Lagoa.

Jamais algum poeta teve tanto pra cantar (e pra contar). Também eu tenho *causos*, mas deixo-os guardados como recordação daquela que sempre foi capital da Santa e Bela Catarina. Grata a Concórdia, hoje sinto que estou criada, crescida. Floripa cada vez mais distante. Longe da sua gente, deixou-se invadir por outros que também querem ser seus filhos.

## QUERO A NOSSA FLORIPA DE VOLTA

*José Antônio da Silva*

Passeando hoje por nossa cidade, seja a pé, de carro ou ônibus, é inevitável uma comparação entre a Florianópolis de hoje e aquela de 40 anos atrás. Aquela Floripa era dos florianopolitanos. Estou com 55 anos e lembro com ar nostálgico a cidade que conheci nas décadas de 70 e 80. Sinto saudades da cidade pequena, do velho trapiche *Miramar* inaugurado em 1925 próximo ao mercado público, que adentrava o mar cerca de 25 metros e servia como atracadouro de barcos que faziam o transporte de pessoas entre a ilha e o continente. Nele funcionava confeitaria, bar e restaurante frequentados por famílias tradicionais da cidade que ali se reuniam para um chá ou sorvete e para acompanhar competições de remo que ali aconteciam. Volto no tempo e contemplo uma cidade sem filas no trânsito para a travessia Ilha-Continente, apesar de uma única ponte, a *Hercílio Luz*, inaugurada em 1926.

Os habitantes dessa época frequentavam as praias do continente – *Coqueiros*, *Itaguaçu*, *Bom Abrigo*, só para citar algumas – onde se tomava banho sem a preocupação com a qualidade da água. As praias da ilha ainda eram pouco frequentadas, pois a maioria delas ficava um pouco isolada, devido principalmente à ausência de boas estradas.

A presença de um grande clube de futebol na cidade, à época, era um acontecimento singular. Lembro-me de um jogo realizado no acanhado estádio *Adolfo Konder* – onde hoje está o *Beiramar Shopping* – no ano de 1971 entre o Santos de *Pelé* e o Avaí de *Lica* – *figura folclórica conhecida somente pelos florianopolitanos da época por chutar com certa frequência a bola em direção aos eucaliptos que ficavam atrás das traves do velho estádio* – que quase parou a cidade, com público recorde de 19.985 pessoas e vencido pelo time paulista por 2 X 1. Nesse dia, *Lica* acertou o gol.

Quase tudo que caracterizou aquela Florianópolis antiga vem-me à memória com prazer, saudade e vontade que tudo voltasse a ser como antigamente.

Porém, parafraseando Lulu Santos, “Nada do que foi será de novo do jeito que já foi um dia”. A cidade cresceu desordenadamente, espalhou-se pelo interior da ilha – *deviam proibir novas construções na ilha* –, ocorreu uma tremenda explosão imobiliária, com a chegada de novos moradores vindos de estados vizinhos, principalmente gaúchos e paulistas. Florianópolis está descaracterizada. Não é mais nossa.

Hoje temos um trânsito caótico. A travessia ilha-continente, apesar de mais duas pontes, é uma dificuldade diária para muitos habitantes da minha querida Florianópolis. Ter o prazer – *ou seria desprazer* – de ir a uma praia é um exercício de paciência, principalmente em meio à temporada de verão.

As opções de praias estão diminuindo devido à baixa balneabilidade de algumas delas. O aeroporto, que dizem ser

internacional, não suporta a demanda de passageiros. Até a violência urbana, que por muito tempo para nós parecia ser ficção, está presente em nosso cotidiano. São muitos os problemas, mas ainda assim é uma cidade extraordinária, ainda com razoável qualidade de vida, Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) entre os melhores do Brasil, com exuberante beleza natural, por isso com grande apelo turístico.

Enfim, a cidade cresceu, e não houve investimento numa proporção direta em saneamento básico, no sistema viário da cidade, em transporte público alternativo com qualidade, em um plano diretor que pudesse blindar nossas belezas naturais da exploração imobiliária etc.

Tremenda utopia querer a cidade de outrora nos dias de hoje. Mas sonhar é de graça e é saudável. Por isso de vez em quando a frase “*Quero a nossa Floripa de volta*” me invade o pensamento.

## A RELAÇÃO ENTRE TRÂNSITO E ILHA DE FLORIANÓPOLIS: UM CAOS ATUAL

*Cristiano Cavalheiro Lutz*

Conheço essa cidade há exatos 31anos, mas resido aqui desde 2009, e ao observar o trânsito nesse período, constato que é um fator a ser considerado e modificado a tempo.

Percebe-se que a população da cidade cresceu em ritmo acelerado nesse período, em contrapartida o número de veículos também aumentou nesse compasso. Hoje, quase todas as famílias da ilha possuem um veículo e o utilizam quase que no mesmo instante, fazendo com que as “filas”, a perda de tempo, o estresse e brigas sejam realidades em nossas vias.

Um amigo meu perdeu uma proposta de trabalho ontem por chegar 15 minutos atrasado na seleção, a justificativa fora o quê? O trânsito... Saiu de casa às 14 horas, a entrevista era às 16 horas, e conseguiu ficar duas horas e quinze minutos trancado no caminho, um percurso estimado de 30 km entre sua casa e o destino. Ele mora no sul da ilha, em disparada hoje é o pior acesso do centro da cidade até os bairros que pertencem ao local.

Ao ouvir o relato do meu amigo perguntei a este o que ele percebia do seu acesso até o centro da cidade, e relatara que desde 2009 as condições de tráfego pioram a cada dia, e somente agora em 2011 a Prefeitura está duplicando o acesso para amenizar o engarrafamento.

Porém, não é somente o sul da ilha que sofre com isso: tente sair do centro às 17h30min em um dia normal, e ir até o norte da ilha, ou ir em direção ao continente... A verdade é que a ilha não tem estrutura suficiente para atender a essa demanda de pessoas e veículos, e o que se enxerga? Mais pessoas chegando a Florianópolis, mais carros; infelizmente esse problema tornou-se crônico, e não acredito em melhoras, e sim adaptação às filas, atrasos, perda de tempo, entre outros males do nosso trânsito.

O consolo disso tudo é que não é apenas Florianópolis que passa por isso. É uma ação de efeito em quase todo o País, como em outros países nesse mesmo contraste. Em alguns casos, já há alternativas sendo executadas para amenizar essa realidade, também, projetos e estudos para esse fim, contudo, o que se percebe não são meios, formas e ações concretas, e sim a mudança de hábito do usuário do trânsito e utilização de novas alternativas de locomoção. Se tu trabalhas próximo de tua residência, por que ir de carro? Ou se vive em um condomínio com vários colegas de trabalho, não se poderia fazer rodízio de caronas? O que se vê nas ruas e “filas” de Florianópolis são carros vazios, com apenas o condutor como passageiro. É natural do ser humano, ao crescer profissionalmente, querer adquirir bens e ostentá-los, porém, em uma ilha onde a capacidade viária é um caos, vamos ter mais consciência e agir como os antigos moradores desta cidade, que utilizavam barcos para sua locomoção, por exemplo.

Faz-se necessária uma mudança de comportamento, urgente, porque dessa forma que está, o caos de hoje pode ser um grave problema no futuro, pois mais pessoas vivem na ilha, e

as vias não comportam essa população. Vamos dar o exemplo a outras cidades, outras nações... utilizar o transporte público que é bom em Florianópolis, utilizar a bicicleta nas vias destinadas, fazer caminhada se mora próximo, porque, se não fizer nada... sinceramente, não sei aonde iremos parar.

Apenas uma ação que citei acima, se executada, irá gerar um bem enorme a todos nós, cidadãos de Florianópolis. Nossa saúde, o meio ambiente e a cidade agradecem. Pense nisso!



## UMA ILHA ILHADA

*Paulo Marino das Neves*

Tenho muito orgulho da minha cidade natal. Cercada por todos os lados de água e abastecida por uma natureza exuberante, ou até ainda o que sobrou dela, tem uma ligação com o Brasil por duas pontes em atividades e outra em fase de demorada conclusão. O povo daqui é ótimo e muito hospitaleiro. Esse jargão já custou muito caro para a nossa perfumada ilha que, em épocas de primavera que estamos vivenciando, trocou esse aroma por ora esgoto, ora esgoto.

A tal hospitalidade parece ter sido abocanhada pelo exagero sem regulamentação da especulação imobiliária, o que fez as pessoas de outros centros se jogarem de mala e cuia pra esse torrãozinho de terra perdido, mas muito procurado, que se chama Florianópolis. Aqui não cabe qualquer tipo de xenofobia, mas uma coisa quero deixar bem claro: o que se pode fazer quando se nasce num lugar que é um paraíso e que o avanço populacional e desordenado faz perdermos nossa real identidade?

Não se trata aqui de nostalgia, ficar no passado, mas às vezes me dá uma saudade da tranquilidade com a qual vivíamos aqui. Era tudo uma aventura, tudo uma inocência. Como era gostoso ver o balançar das árvores e sentir o sopro dos ventos nas folhas; mais parecia um assovio no campo do Independente

(hoje Paula Ramos), pescar no “rio das Irmãs” (hoje Shopping Iguatemi).

As festinhas dos bairros tinham uma identidade, e agora, com a “mesclação”, nos vemos fazendo voltinhas em torno de uma praça com a mesma identidade de um *shopping*. Mas agora, porém, em céu aberto. As nossas praias eram de uma qualidade selvagem, desnudas e sem medo de serem violentadas. O seu verde, que era só o das matas, um dia foi trocado por notas, muitas notas verdes. Dentro do futuro já está o presente e também o passado, e como o nosso passado era de humildade, e isso não significa ignorância, precisaram cada vez mais de mão de obra qualificada. E, com isso, justificar tanto o avanço do setor imobiliário quanto o demográfico.

Vai pra lá, terrinha, pois o futuro aos teus pertence. Se com toda a tua beleza não conseguiste ser respeitada, é justo que possas ao menos envelhecer com qualidade.

## FLORIANÓPOLIS E UM PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO

*Paola Azevedo*

– Lembra-se de mim?

– Perdoe-me, e deveria?

– Bem, seus 27 anos já deveriam ter sido suficientes para fazer você saber. Eu faço parte da sua história.

– Pois então, ajude-me, porque o tempo me fez esquecer ou quem sabe passou despercebido...

– Aos 27? Talvez por isso alguns tantos anos a mais tenham me tornado quase insignificante...

– Pode parecer indelicado de minha parte, mas preciso de mais informações para reconhecê-la. Talvez, assim, possa ajudá-la...

– Está bem, é justo. Bom, vivo numa ilha de quarenta e duas belas praias. Hoje, talvez não tão belas como já foram; afinal, o povo constrói, mas também destrói. Ainda assim, a natureza é magnífica, ela perdoa o homem e nos contempla com curvas sinuosas e elegantes, e ao longo desta contemplação, à disposição de todos, encontra-se uma melodia em verso e prosa, o Rancho de Amor à Ilha, que nos conduz a uma beleza rara, a vista do Morro da Lagoa. Como se não fosse suficiente, essas belezas nos cercam de ponta a ponta, de Naufragados, praia de acesso a barco ou trilha, até a Lagoinha. Puxa, como pude ser tão

relapsa? Nesse pulo, de norte a sul da Ilha, passamos pelo Ribeirão da Ilha (bons restaurantes e arquitetura encantadora), Açores, Pântano do Sul, Armação (já que está lá, chegue até o Matadeiro, pois a faixa de areia da Armação já não existe mais). Já chegou? Entre na trilha e aviste quase duas horas depois uma das mais belas praias, aprecie! É a Lagoinha do Leste! Morro das Pedras (E que pedras! E que mar! E que vista!). Delicie-se com um caldo de cana estupidamente gelado depois de um dia de sol daqueles, no alto do morro, e veja mais uma vez como a natureza é perfeita. Respire fundo, você sentirá, o ar é diferente! Campeche (como se já não bastasse a praia, mergulhe nas águas límpidas da Ilha do Campeche! Verá como Deus é generoso! Cuidado com os quatis, pois o desequilíbrio da natureza fez com que eles se proliferassem, e se bobear, eles roubam sua comida). Joaquina (águas gélidas, ondas e surfistas, muitos surfistas, mas não se preocupem, eles são compreensivos e aceitam pessoas com roupa na praia), a Lagoa da Conceição (vida noturna agitada o ano todo, já a água...), o Canto da Lagoa (ótimos restaurantes e clube tradicional da cidade, o LIC, a Costa da Lagoa (chegue de trilha ou barco, outro local de gente simples e hospitaleira), a Barra da Lagoa. Quer conhecer pescadores e nativos? Visite-a. Aproveite e passe na ponte pênsil, no projeto Tamar, e depois de um bom banho de mar e de atividades na areia da praia, leve um peixe fresco e barato para casa. Nesse momento você deve estar se perguntando: mas por que tantas subdivisões na Lagoa, tudo isso é preciso? Sim, ela merece o nome de cada pedacinho de terra; depois de conhecer cada um deles, entenderá o porquê. Temos ainda o Cacupé, Moçambique

(pouco movimentada, mas muito bela, cuidado com a água-viva!); a praia de Santo Antônio de Lisboa e Sambaqui (rotas gastronômicas e arquitetura açoriana, pôr do sol belíssimo, além de iguarias como ostras, mariscos, berbigão, camarão, peixe, lula... vale a pena conhecer!); a praia da Daniela (uma boa praia para família, águas quentes e tranquilas); Jurerê, Jurerê Internacional (a praia dos famosos e da ex-bandeira azul); Canasvieiras (!Hola chicos!), Pontas das Canas, Ingleses (praticamente uma cidade dentro de outra), Cachoeira do Bom Jesus (e como Ele foi benevolente!), Praia Brava; e finalmente encerro o roteiro de praias, pois quarenta e duas... não é fácil descrever. Penso que um pouco delas você pode conhecer. E agora, sabe quem sou eu?

– Puxa, ainda não, mas fiquei encantada com a descrição da cidade e percebi que nascemos no mesmo lugar.

– Então você conhece o Mercado Público, a Praça XV (Ponto do dominó), a Catedral, o Palácio Cruz e Souza, o CIC, o TAC, a UFSC, a UDESC, Floripa Shopping, o Iguatemi, o Beiramar Shopping, a Ressacada, o espaço do futuro Jardim Botânico do Itacorubi e a tão famosa Beira-Mar...?

Claro, e como haveria de não conhecer?

– Está vendo, você está tão imbuída em todas essas informações, que mesmo morando aqui, em Florianópolis, não sabe quem eu sou...

– Agora você está me deixando angustiada. Já sei muito sobre o local de nosso nascimento e nada sobre você. Conte-me sobre você!

– Nasci em 13 de maio de 1926. Já fui única e exuberante! Estampeí capa de jornais e revistas! Já mudei a vida de pelo menos 50 mil habitantes desta cidade. Garanti a Florianópolis a permanência do título de capital. Fui o grande elo entre a ilha e o continente! Já estive envolvida em alguns escândalos, não por minha culpa, mas adivinha? Tudo pelo dinheiro... Fui e ainda sou cartão-postal e palco de grandes *shows* de iluminação e de fogos no *réveillon*. Mas, infelizmente, com apenas 56 anos, fui aposentada por invalidez. É isso mesmo, invalidez! E olha que eu queria trabalhar – o que é raro hoje em dia -, mas, afinal, eu poderia desmoronar e quiçá levar muita gente boa junto. Isso eu não queria, definitivamente não! Como uma boa cidadã, tentei retornar à ativa, ainda que aos trancos e barrancos, de 1988 a 1991, claro que com minhas atividades bastante restritas. E o resultado? Invalidez de vez! Poxa, logo comigo que gosto de trabalhar, se fosse um malandro, garanto que tinha saúde para continuar! Foi meu destino: aos 65 anos definitivamente saí de cena, não do cartão-postal, pois ainda me achavam bonita. E sabe o que aconteceu? De heroína virei ameaça para a cidade. Aos 71 anos, quando perceberam que o problema estava crescendo, tornei-me patrimônio histórico e artístico. Depois de uma década esquecida, cheguei numa idade crítica. Prestes a completar 85 anos, virei motivo de grande debate, e adivinhem o assunto principal da pauta? O meu destino. Imaginem vocês, terem sua vida decidida em reuniões... Depois de alguns transtornos e ameaças, a graça divina que concedeu a beleza desta ilha, também me ajudou. Finalmente resolveram ajudar-

me, demorou, mas chegou. Atualmente estou feliz, pois virei motivo de Seminário, com o lema “Nosso símbolo, nosso orgulho”, e até de filme, “Ponte Hercílio Luz – Patrimônio da Humanidade”. Por fim, queria dizer que tudo isso foi só um desabafo, pois agora voltei a ter esperança. Eu só queria uma coisa, que se lembrassem de mim.

– Perdoe-me por não ter me lembrado de você, mas saiba que desde pequena, quando chego à ilha, auxiliada por sua amiga – a Pedro Ivo, fico com o coração cheio de orgulho quando te avisto, toda iluminada e exuberante, e lembro o porquê de qualquer viagem não ter o menor sentido se eu não regressar à ilha que sempre vivi. Sem dúvida você é um símbolo de minha cidade Natal e aliada às belezas naturais desta ilha é sinônimo de orgulho para nossa gente. Um eterno cartão-postal!

## BALNEÁRIO DA MINHA ADOLESCÊNCIA

*Gilza Maria dos Santos*

Sol a pino. As moças, em roupas de banho de duas peças, enganavam papai ou mamãe, desfilavam com aquelas pernas desnudas, pela longa via esburacada, muitas vezes coloridas, com as cercas de trepadeiras floridas, muitas a separar a maioria das residências da antiga Rua Nestor. A rua desembocava na praia, e boa parte dela, hoje José Cândido da Silva, era continuação da mesma areia branca e quente, destino de quem nada tinha a fazer. E a menina, quase mulher, sobre o muro, esperava que uma boa alma de algum parente a levasse para banhar-se naquela imensidão de água límpida, com suas infinitas ondulações, que a massageava suavemente, enquanto ela procurava as belezas das conchas e outros diferentes artefatos do mar para brincar.

Aos poucos, a areia dava lugar a todo tipo de gente, vinda de todos os lugares, até mesmo de outras praias da Ilha, tão lindo e procurado era o balneário, com o mesmo nome do lugar a aconchegar quem nele ia disputar uma vaguinha entre a imensidão de guarda-sóis de todas as cores, num maravilhoso dia de céu azulado, e aproveitar todo o paraíso ali propiciado.

A moleca na praia não tinha concorrentes, direto para a água, de um mergulho saía nadando até as Três Irmãs (três imensas pedras íngremes e muito altas, que surgiam mar



adentro, – talvez partes de uma mesma pedra, quebrada com o tempo, quem sabe?). Lá da praia via-se a pequena figura, já alcançado o topo das pedras, a assobiar com os dedos na boca, um silvo forte, cujo chamado acudiam imediatamente vários rapazes e moças, sagazes, numa empreitada de dar gosto a quem via. Começavam, então, a mergulhar lá do alto, um a um, nadavam, escalavam as pedras, e mergulhavam. Outras vezes, faziam guerra de cavalinho, em que as garotas, geralmente, subiam no pescoço dos rapazes e começavam a tentar derrubar o adversário, até que o último ficava vitorioso. Brincava-se de pula-pula sobre boias improvisadas de câmaras infladas de caminhões, tentando derrubar também os adversários de brincadeira. Tudo era festa, e quase sempre por iniciativa da pequena garota.

A garota “manezinha do Estreito”, quase menino, pois de brincadeira de menina não gostava, o bolso cheio de bolas de gude, saboreava as frutas da melhor forma que a natureza podia oferecer: direto da árvore, sempre agarrada em seus galhos, misturando-se ao meio ambiente ainda quase intocado. As árvores frutíferas (carambola, goiaba, ameixa e pitanga, as mais comuns) faziam parte da orla da praia, logo atrás da areia, continuavam pelas chácaras e casas do lugar. Nas noites de verão, junto com muitos amigos e muitíssimos parentes (as famílias eram enormes), a gurizada acompanhava o famoso “boi de mamão”, escolhendo entre vários grupos que surgiam, numa verdadeira competição, para ver qual o maior ou o mais bonito, o que tinha mais componentes, etc. A criançada acompanhava

com os instrumentos que conseguissem improvisar para fazer música e barulho. Tudo era festa.

Quem hoje passeia por essa praia não imagina que outrora era um outro lugar. Nem parece aquele mar, mas sim um local impróprio para banho ou mesmo para ali passear. A praia ficou esquecida, suas águas turvas parecem estar sempre na cor marrom e não naquele antigo azul, apenas com a mesma imensidão. E as estradas, antes floridas, agora dão lugar ao frio e escuro asfalto. O lindo céu azul, que se via desde muito longe, está encoberto pelos cada vez mais numerosos prédios, que escurecem até as antigas moradias do lugar. A Igreja Nossa Senhora de Fátima, que era o maior edifício do lugar, era visto dessa praia. Hoje nem de perto dela mesma se consegue ver essa construção. Foi engolida pelo poder imobiliário e pela cobiça humana, que tomaram conta de todo o pedaço da área.

Até a Ponta do Coral, que limita as duas baías do Estreito, geralmente o que se dava por referência para as caminhadas ou local de banho, foi, por negligência dos administradores municipais, coberta por uma favela que fechou toda a praia e seu horizonte, nem mais a ponte pode ser vista do Balneário, porque a feiúra e o abandono tomaram o lugar.

Hoje, a mulher encolhe-se ao passar de barco por ali, de seus olhos caem silenciosas lágrimas, procurando agora, em outros mares, outras praias, um lugar decente e bonito para admirar. Para suas filhas e para as demais pessoas, é quase risível dizer que aquele lugar, cuja favela o enfeia e o congestionava, foi outrora alvo de disputa por um pedacinho de espaço para um

guarda-sol. Do dito balneário só sobrou o nome: Balneário, saudoso lugar da sua infância e adolescência.

## A MINHA RUA

*Tamara Pereira de Oliveira*

A minha rua (que não é minha, na verdade é apenas a rua onde moro; e que também não é rua, é travessa!) não é a rua mais bonita do mundo... Bem longe disso!

Não tem calçada... Também pudera, se inventarem de fazer calçadas, dois carros não passarão lado a lado; ou só vêm, ou só vão. Não tem asfalto... Que bom! Porque o caminhão do lixo, que passa à meia-noite, em vez de andar a 70 km por hora, iria voar a uns 100 km por hora. Loucura! Ainda bem que criança não brinca a essa hora, mas... Na minha rua não tem criança, não!

Não tem político chato, mas tem os primos do político (chatos também!). Não tem lombada, nem salão de festas. Não tem tanto comprimento, e não tem saída, não!

E o que minha rua tem? Minha rua tem “bafão”, tem vizinho brigão, tem vizinho “bão”. Tem bueiro fedido, tem amigo querido. Tem poste que apaga quando a gente passa. Tem carro estacionado na entrada do portão, o que, geralmente, é confusão. Tem muro alto, muro baixo, campainha que não funciona. Tem um declive pra direita, e um pra esquerda também.

Tem namoro no portão. Tem vizinho espião. Tem bandeira do Figueira, e tem melhor: a do Leão! Tem “bom-dia” de manhã. Tem a “veia” malcriada e a moça recatada.

E lá, no finalzinho, depois de todas as casas, tem o que há de melhor, exceto minha recordação. Tem uma linda visão para a... “Praia do Cagão”! Porém, esse apelido não combina com a paisagem em questão. Tem ilha, tem trapiche, pôr do sol inspirador. Tem o rancho dos pescadores e gaivotas de montão.

E também há ali coisas que não existem mais. Só há a lembrança. A corda no portão do vizinho imitando a rede de vôlei. A amarelinha rabiscada nas lajotas (que ainda são as mesmas), o esconderijo atrás do poste (que também é o mesmo), os bumbuns sentados no chão (estes não são os mesmos...) pra jogar conversa fora (ninguém hoje tem mais tempo pra isso, só sobrou o “bom-dia” mesmo!), as mães no meio da rua gritando, berrando nossos nomes, e a gente com as nossas respostas: “tôôôô iiiiiiindo”

Essa é a minha rua! A minha Travessa Leonel Dutra, ali no Abraão... A minha rua... Ali não nasci, mas ali cresci. E eu gosto tanto dali...

## TRINDADE DE ONTEM, SAUDADES!

*Miguel Arcângelo Broering*

Trindade é um bairro do Município de Florianópolis. Entrei na vida do bairro Trindade na década de 60, quando nasci, época boa. Boa não, excelente! Excelente, sim! Melhor se não tivesse nascido no melhor momento da Trindade, hoje sofreria menos. Tinha-se qualidade de vida. Tempo em que se dormia com a porta encostada, o amigo do alheio ali não vivia.

Todos os moradores produziam seus alimentos, plantando e criando animais domésticos (galinha e gado), para o próprio consumo. Mesmo porque de supermercados nem se tinha conhecimento. Os laranjais predominavam tanto que para escoar essa produção os padres franciscanos organizavam a famosa Festa da Santíssima Trindade e da Laranja, mas esse evento virou piada, pois agora é chamada de “festa da cocada”.

Os rios “das Freiras” (Shopping Iguatemi) e “do Porto” (antiga TELESC) eram usados para a pesca de peixe, camarão, siri e até marisco, bem como para o gostoso banho de rio nos dias ensolarados. Esses rios hoje em dia não passam de valas poluídas, sem vida, e com muito mau cheiro, servindo apenas para levar esgoto não tratado para a baía norte. Também nesses rios, atualmente, são encontrados jacarés, animais ali introduzidos por pessoas que vão pescar no Mato Grosso do Sul e trazem filhotes, os quais, ao crescerem, são abandonados no

manguezal da Bacia do Itacorubi. Se existissem jacarés na época de minha criação, os moradores não deixariam suas crianças ali nadar, pescar ou caçar, caso contrário, as crianças virariam um bom lanche para os *Caiman yacare*.

O Bairro Trindade desenvolveu-se sem organização, sem infraestrutura, de uma forma que dói na alma. Assim cresceu, em torno da Universidade Federal de Santa Catarina: o progresso inevitável e cruel trouxe impactos sem precedentes.

As enormes chácaras que existiam viraram loteamentos ou deram lugar a condomínios de edifícios. Rapidamente tornou-se o bairro mais populoso da grande Florianópolis, com problemas de toda ordem, como, por exemplo, engarrafamentos, violência, assaltos, e até mesmo homicídios em plena luz do dia. É triste o preço que se paga pelo “crescimento” desordenado, sem estudos de impactos ambientais e sociais, onde predomina o poder do dinheiro, da política dos mais fortes e da invasão sem precedentes de pessoas de todo lugar, e até mesmo de desempregados em busca de dinheiro fácil (aposentados e empresários que aqui vieram fazer empreendimentos imobiliários).

A instalação da Penitenciária Estadual neste bairro, com presos do interior do Estado e de outros estados, serviu para inflar os lindos morros com a invasão dos parentes dos sentenciados, o que acarretou a criação das comunidades carentes, favelas de todo tipo, uma iniciação das famosas favelas cariocas, cuja imitação nada está deixando a desejar, pois a criminalidade é notícia em quase todos os lares, e a mídia faz questão de deixar famosos também os criminosos daqui.

Analisando o passado e o presente, não dá para apenas ficar lamentando; há um lado bom nisso: sou testemunha viva da transformação desse bairro, desta cidade e, assim, posso testemunhar sobre o que não se deve permitir que se repita em outras trindades, neste Estado, no Brasil ou no mundo.



## CÓRREGO GRANDE, UM BAIRRO EM PLENO PROCESSO DE ENCOLHIMENTO

*Silvia Venturi<sup>2</sup>*

O Córrego Grande era um lugar desprezado pela sociedade emergente florianopolitana. Se quem mora em Florianópolis é manezinho, quem morava nesse bairro era o manezinho do manezinho, isso porque aqui não se usa a expressão “caipira”, mas era assim que os olhos da sociedade viam o Córrego Grande: lugar de pobre, caipira, lugar de colono...

Minha irmã, aquela figura, tinha vergonha de dizer que morava no Córrego Grande, dizia que morava na Trindade, “era mais elegante”... Mal sabia ela o lugar de ouro aonde viemos fazer nossa morada, ao menos naquela época.

O bairro Córrego Grande fica bem no meio da Ilha de Santa Catarina, fácil de achar no mapa. Sua colonização iniciou-se no século 18, a partir da comunidade da Lagoa da Conceição, pelo alto do morro que separa os dois bairros. Inicialmente e por muito tempo foi uma comunidade rural, resistindo à crescente urbanização do município a despeito da sua privilegiada situação geográfica. Nas encostas plantava-se banana, café e

---

<sup>2</sup> Agradeço ao Senhor Sebastião Manoel Nunes, morador nascido no Córrego Grande e conhecedor da sua trajetória, pelas informações a respeito de fatos históricos do bairro.

laranja, que deu nome e abasteceu por muitas décadas a famosa Festa da Laranja, no bairro vizinho, que hoje não tem mais laranjas e até perdeu o nome, chamando-se agora apenas Festa da Santíssima Trindade. Nas baixadas predominava a pecuária de leite e a horticultura. Havia três engenhos de farinha no bairro.

O nome Córrego Grande se deve ao rio que nasce no sertão do Córrego e corta o bairro, onde, nos primórdios da colonização, as mulheres lavavam as roupas enquanto a criançada se divertia nas suas águas abundantes, límpidas e encachoeiradas.

Na década de 1930, os Padres Jesuítas instalaram aqui uma fazenda para ajudar na manutenção do Colégio Catarinense, um dos maiores centros de ensino da cidade e do Estado. Nessa fazenda foi construída a primeira igreja do bairro, a Igreja do Puríssimo Coração de Maria, hoje tombada pelo Patrimônio Histórico do Município. Foi também nessa mesma área, na década de 1960, que se iniciou a urbanização do Córrego Grande, com o desmembramento da fazenda para a implantação de uma grande área residencial denominada Jardim Anchieta.

Com a criação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 1961, instalada no bairro Trindade, e a construção da empresa Centrais Elétricas do Sul do Brasil (Eletrosul) em 1978, no bairro Pantanal, as proximidades começaram a receber uma grande quantidade de novos moradores, especialmente professores da UFSC, em busca de um recanto mais próximo à natureza e ao mesmo tempo perto do local de trabalho, além da grande quantidade de estudantes e funcionários.

Na década de 1970 criou-se outra grande área residencial, o Jardim Guarani, mais para o interior do bairro, pelo programa governamental de habitação popular COHAB (Companhia de Habitação). Assim ia crescendo, ou melhor, encolhendo, aquele Córrego Grande original, rural, “caipira”, “colono”, nada pobre, muito rico de cultura, vida e felicidade.

Também na década de 1970, foi instalado o horto florestal do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), com uma grande área de produção de *Pinus* e *Eucalyptus*.

Foi mais ou menos assim que eu conheci o Córrego Grande, quando vim morar aqui no início da década de 1980, mais precisamente em fevereiro de 1982. Chegamos junto com a pavimentação da rua geral, que até então era de terra. Ao longo dela cercas de sítios ligavam-se umas às outras, com grandes áreas de mato e pastos. Havia algumas poucas casas e apenas um condomínio de prédios no início da rua, chamado Residencial Elos. Era ainda um bairro essencialmente rural.

Com o asfalto os carros circulavam com mais velocidade, mas era apenas trânsito local, pois não havia ligação viária do Córrego Grande com a Rodovia SC 404, que leva à Lagoa da Conceição. Mesmo com a rua perigosa, eu e a criançada da vizinhança passávamos os dias correndo pelos matos atrás de pés de pitanga, goiaba e “cabeluda” (guabiroba), descalças e sem camisa, esfolando os joelhos e arrebentando os dedos dos pés. O Jardim Anchieta era a extensão do quintal de casa onde eu fazia minhas pedaladas. No rio eu ia pescar com meu pai. Um dia eu até pesquei uma rã. Foi a única vez que comi rã na vida. E tinha o poço, uma piscina natural com uma bela cachoeira no rio

Córrego Grande, lá no sertão. Ô delícia! Quantas vezes fui tomar banho lá quando faltava água em casa. Era, e ainda é um pouco, a praia da galera do bairro, mas hoje já não é tão caudaloso e para chegar lá é necessário atravessar áreas invadidas com despejo de esgoto diretamente no rio, sem contar o perigo de assalto.

...E a minha irmã tinha vergonha de morar aqui... Que boba ela, era feliz e não sabia.

Já havia um hospital perto, o Hospital Universitário, que fora inaugurado em 1980, mas a comunidade ainda recorria às parteiras, benzedeiras e curandeiras locais. Dona Dorcina e dona Ana Maria eram as parteiras mais conhecidas, atenderam e trouxeram à luz muitas almas sem cobrar um tostão. O posto de saúde, não lembro ao certo, mas creio que só apareceu na década de 1990.

Com o passar dos anos eu fui vendo as propriedades rurais se transformarem em estabelecimentos comerciais e prédios de apartamentos. Esses vieram muito rápido, foram pipocando ao mesmo tempo em que a quantidade de carros circulando aumentava.

Com a ligação da rua geral à Rodovia SC 404, também na década de 1990, o bairro passou a ser um dos caminhos para as praias, e mais áreas residenciais apareceram: o Jardim Germânia, o Conjunto de condomínios da Berman, o Jardim Europa e ainda mais prédios ao longo da rua geral. Em 2005 foi construído o primeiro prédio de 12 andares no bairro, bem atrás da minha casa, onde antes havia um tranquilo e bucólico bambuzal e em seguida uma matinha... vejamos pelo lado bom,

talvez minha casa tenha ficado mais protegida (...). Agora já não sei dizer quantos há desses prédios. E o tráfego... bem, nem seria necessário falar. Basta imaginar toda essa gente, somada à que vem da Lagoa em direção à UFSC ou ao Centro da cidade (fugindo do outro congestionamento do sul da ilha) desejando passar pela mesma única rua de pista simples na mesma hora... Sim, fica tudo parado por volta das 8 e das 14 horas nos dias de semana.

O horto florestal, quando o IBDF foi extinto dando lugar ao IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente), passou a abrigar animais silvestres em recuperação, produção de mudas florestais e projetos de substituição da vegetação exótica por nativa. Nesse período quiseram vender a área para construir um pólo de empresas tecnológicas, mas a população protestou e conseguiu manter o parque, mesmo sob críticas por querer proteger uma mera plantação de *Pinus* e *Eucalyptus*. Depois disso, entre idas e vindas, o parque foi passado à administração municipal e hoje, já sem nenhuma árvore daquelas espécies, é uma agradável área de passeio e lazer, intensamente arborizada com predominância de plantas nativas. Pelo menos algum lugar agradável para todos os milhares de novos moradores do novo e urbano Córrego Grande, hoje um importante bairro residencial altamente valorizado no mercado imobiliário.

Mas ainda existe um restinho do Córrego Grande original, rural, caipira, manezinho do manezinho, escondido, cada vez mais espremido lá no sertão, perto do poção. O Córrego Grande encolhido, talvez o que realmente merecesse manter o nome.

## BENDITA VIZINHA

*Marilda Aparecida de Oliveira Effting*

Outro dia, quando estava saindo para o trabalho, fui abordada por uma vizinha no portão de casa. Ela trazia em mãos algumas cartelas de bingo em prol da Festa do Divino, realizada anualmente na comunidade do Campeche. Toda tomada de empolgação, ofereceu-me o material e sequenciou uma fala explicativa sobre o evento, num insistente convite. Com intuito de que ela não se estendesse muito, pois, com o trânsito complicado do sul da Ilha, qualquer minuto a mais, em horário de pico, representa grande espera em filas e, conseqüentemente, chegada tardia em compromissos fora do bairro, sinalizei logo que ficaria com as tais cartelas. Comprei as três últimas, ao preço de R\$ 5,00 cada uma. Com isso me comprometi de, no domingo seguinte, confraternizar com a comunidade local aquele acontecimento.

Chegou o domingo e, após o almoço em família, eu, meio que lentamente, comecei a reunir ânimos para aquela tarde de bingo. O dia amanheceu lindo num pré-anúncio de que seguiria assim até o anoitecer. Apesar de um pouco de vento, o que não raro se intensifica nos finais de tarde, nenhuma novidade em se tratando de Campeche!

Cheguei ao salão de festas, localizado ao lado da Capela São Sebastião, no final da Rua da Capela, às 14h30min. Os

organizadores estavam chamando as pessoas para que se acomodassem. O comentarista comunica, enfaticamente, os prêmios, todos oriundos de doações, que iam de uma novilha a jogos de toalhas de copa. Para a marcação das jogadas foram distribuídos grãos de milho. Tudo pronto para a primeira rodada.

Começou o jogo e eu, sem muito que fazer, apenas observava a movimentação das pessoas. Todas muito concentradas. Uma senhora perguntou se poderia ocupar a mesma mesa que eu. Fiquei contente com a possibilidade de ter alguém para compartilhar todas as emoções das horas seguintes. A companhia calada dela me fez entender que eu estava participando de um evento sério, e que exigia grande atenção. Nada de conversas. Assim, o silêncio só se quebrava quando o cantador de pedras anunciava mais um número, ou quando alguém levantava a mão e gritava: “bingo”!

Nos intervalos dos blocos de jogadas, momentos providenciais para o reabastecimento físico dos participantes, a equipe designada para a cozinha vendia pastéis, pipocas, batata frita, cachorro-quente e generosas fatias de bolo, isto em relação ao preço cobrado, R\$ 1,50. O lucro dessas vendas também se converte em crédito para as despesas da Festa do Divino.

Farta de tanto comer e sem ganhar prêmio algum, num dos intervalos das jogadas, comprei uma garrafa de água e fui para a parte externa do salão. Sentei-me nos degraus da Santa Cruz. Olhei ao redor e numa rápida tomada pude ver o complexo arquitetônico daquela ponta da Ilha. Três obras com características açorianas, que remonta ao século XIX. Um prédio

pequeno, a Capela. Outro prédio minúsculo, a Casa do Divino. E um monumento entre os dois prédios, uma cruz azul, de uns dois metros de altura, fincada no centro de uma singela escadaria redonda. Cascaes, no início da década de 70, registrou esse cenário em uma de suas gravuras, na qual ele acrescentou *Mulheres bruxas atacando cavalos*, imagem que compõe uma das histórias bruxólicas do artista. O salão, local da realização do bingo, fora construído na década de 90. Agrega-se ao conjunto de época e é um espaço multiuso com finalidades diversas aos interesses dessa comunidade que comunga, hibridamente, costumes, afazeres, sotaques, culturas, etnias, crenças, ideologias...

Levantei e caminhei até a lateral esquerda da Igreja. Atrás da Capela há um cemitério e ao lado da cerca daquele campo de finados há uma passagem que segue até a praia. A vista é simplesmente deslumbrante! Que privilégio daqueles que ali jazem!

A brisa, naquele espaço aberto, trazia para bem perto dos ouvidos o som orquestrado pelas ondas que se quebravam na arrebatção. E a maresia, atrevidamente, invadia e dissipava os demais cheiros daquele recanto. Meio que hipnotizada, resolvi caminhar até as dunas. Sobre as areias finas e branquinhas, lembrei-me de Galeano, quando num de seus contos alude à necessidade de ajuda para ver a imensidão do mar. E que imensidão! Para completar e colorir um pouco mais o cenário, havia alguns praticantes de *Kitesurf*. Sentei-me sobre uma ramagem seca e, sem noção do tempo, ali fiquei.



---

A tarde começou a dar sinais de que estava finalizando o seu turno. Então percebi que era hora de voltar. Retornei ao salão, e agora outra equipe estava em movimento, a de limpeza. Não sei o que fizeram com as minhas cartelas. Somente sei que não ganhei prêmio algum. Daqueles anunciados pelo comentarista do bingo. Porém, fui agraciada com uma tarde impagável. Ainda não tinha apreciado aquele ponto da Ilha na sua fulgente beleza. Outra coisa, a curta extensão da Rua da Capela não é uma “rua sem saída”!... Bendita vizinha!

## A MINHA LINDA E MARAVILHOSA FLORIANÓPOLIS

*Danilo José dos Santos*

Que dia chuvoso amanheceu hoje, com vento forte! É claro, essa terra é do vento sul, falava minha esposa. Que bom morar em um lugar em que pela manhã o céu está aberto sem nenhuma nuvem e, à tarde, precisamente após o almoço, ele (o vento) vem chegando, soprando como não quer nada com nada, e alegrando os que vieram da praia, já almoçaram e agora vão tirar aquele cochilo. Que bom, parece com um ventilador particular gigante proporcionado pela mãe natureza.

Essa terrinha abençoada pelos deuses localiza-se no centro-leste do estado de Santa Catarina e é banhada pelo Oceano Atlântico, com quarenta e duas praias a serem desbravadas. Quando chegaram os exploradores europeus, os nossos habitantes eram os índios carijós, de origem tupi-guarani, que praticavam a pesca em cada parte, de norte a sul da ilha, com suas praias que a divindade pincelou em seu mais original trabalho artístico.

Como é bela essa cidade inicialmente denominada por Francisco Dias Velho de "Ilha de Santa Catarina"! Justamente no dia de sua chegada, era dia dessa santa. Mais tarde, a cidade tornou-se vila com o nome de Desterro. De pacata mais nada tem: vieram os gaúchos, os paulistas, os coxas brancas, por incrível que pareça, em nossas praias, eles estão todos morenos,

agora são todos tupis-guaranis. Aliás, que coração grande, além dessa última turminha que veio, temos ainda os nordestinos, que vieram inicialmente para construir a ponte Hercílio Luz em 1926, primeira ligação da ilha com o continente, e pensar que eles iriam embora, mas não foram, acabaram ficando, e assim outras obras foram surgindo na cidade. Ela foi crescendo, e o pessoal chegando e ficando, hoje somos mais de 420.000 habitantes miscigenados, mas florianopolitanos.

Na sua região metropolitana, temos o museu, a Rua Felipe Schmidt com suas construções açorianas, o antigo palácio do governador, que agora está aberto ao público. Falando em público, atualmente somos milhões de habitantes, mas um povo que se orgulha de sua terra, porque Florianópolis é a capital brasileira com o melhor índice de desenvolvimento humano e qualidade de vida, segundo relatório divulgado pela ONU. Esse índice nos torna a quarta cidade brasileira com a melhor qualidade de vida.

Como era bom passear no centro, no antigo mercado público... Que saudade, eu pequenino, minha mãe segurando-me pela mão e levando-me a passear pelas ruas... Lembro-me de que onde vemos atualmente o aterro da baía sul, tinha o Miramar, aonde íamos fazer um delicioso lanche. Que cheiro gostoso de mar, e as gaivotas mergulhando e pegando os peixinhos, os automóveis antigos, pouco barulho, muita tranquilidade, muita paz. Oh, meu pai, obrigado, não bastava ter nascido no Brasil, ainda fui nascer em Florianópolis! Esta terra abençoada pelos deuses, que tem na figueira da praça XV, no Morro da Cruz e no mercado público seus pontos de destaque.

Aliás, o mercado foi reformado e nos dias de hoje serve uma deliciosa comida caseira. De um lado, são comercializados os pescados, e do outro são calçados e artesanato, e ainda há os camelôs.

Na ilha, indo em direção ao sul, você encontra, antes do aeroporto Hercílio Luz, o Campo da Ressacada, o estádio do Avaí, um dos representantes de Santa Catarina na série A do campeonato nacional. Fora da ilha tem outro representante, mas é alvinegro, vamos falar de azul, do Avaí, suas cores resplandecem e se confundem ao fundo com céu, o mar e as nuvens. E pensar que eu joguei no Avaí, no Estádio Adolfo Konder, conhecido por pasto do bode, onde hoje é o *Shopping Beiramar*... Como cresceu essa cidade... Na ilha, temos ainda o Iguatemi e o Floripa *Shopping*, e muitos outros em seu entorno. Que bom falar de mim, como eu era bom de bola... Mas estou envelhecendo, vamos falar é de Florianópolis, tão jovem! Ainda voltarei, minha grande amiga. “Nos” veremos nas próximas reencarnações.

## **SOBRE OS AUTORES**

### **ADRIANA CANDIDA DA SILVA FIORI**

Título da crônica: UM POUCO DE CORUMBÁ



Nasceu em Campo Grande/MS no dia 30 de outubro de 1976. Mora em Florianópolis desde 2007. Formada em Psicologia pela UFMS no campus do Pantanal em 2002. Atua como Assistente em Administração na UFSC desde 2008, trabalhando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia/CFH.

Sua crônica narra as curiosidades, particularidades e lendas da cidade de Corumbá, no Mato Grosso do Sul, onde morou por seis anos e cursou sua graduação.

---

### **ALEXANDRE PEDRO DE OLIVEIRA**

Título da crônica: QUERIDA PINHEIRO PRETO



Nasceu em Videira/SC em 29 de junho de 1984, mas residiu na cidade vizinha, Pinheiro Preto. Formado em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 2009, atua como Bibliotecário-Documentalista no Serviço de Periódicos da Biblioteca Universitária (BU) desde 2010. É mestrando em Ciência da Informação pela mesma Instituição.

“Querida Pinheiro Preto” faz analogia a uma das cidades interioranas do meio-oeste catarinense, cidade marcada na memória de infância e adolescência do autor.

---

### **CHIRLEY DE MIRANDA PILON CARVALHO**

Título da Crônica: COM OS PÉS DESCALÇOS



Nasceu em Florianópolis/SC em 24 de outubro de 1977, mas passou sua infância na cidade vizinha, São José. Formada em Administração pela UFSC em 2005, atua como administradora da Fazenda Experimental da Ressacada desde 2011.

Sua crônica apresenta as lembranças dos últimos quatro anos vividos em Imbituba/SC, ressaltando as belezas naturais do município e a tranquilidade de viver numa cidade que preserva ares de interior.

---

### **CLAUDIANE WEBER**

Título da crônica: E SE DEUS NÃO QUISER?



Nasceu em São Carlos/SC em 25 de janeiro de 1978. Formada em Biblioteconomia pela UFSC em 2008, com Mestrado em Engenharia de Produção pela UFSC. Trabalha com a difusão do acesso livre à informação científica brasileira, junto ao Sistema de Bibliotecas da UFSC desde 2010.

Sua crônica narra uma crítica às pessoas que deixam tudo nas mãos do acaso, da sorte, de Deus, e não vivem a vida com o entusiasmo e a coragem da responsabilidade.

---

## CLÓVIS WERNER

Título da crônica: CAMINHANDO PELA CIDADE, MINHA PEQUENA PÁTRIA, ITAJAÍ



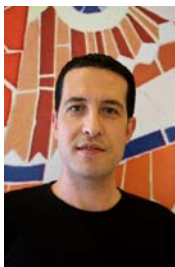
Nasceu em Itajaí/SC em 8 de novembro de 1958. Depois do ginásio e do científico no Colégio Salesiano da cidade natal, mudou-se para Florianópolis: passou pela Engenharia Civil, cantou no Coral da UFSC, graduou-se em História, fez mestrado em Educação e Cultura, e continua estudando. Trabalha no Departamento Artístico Cultural (DAC) da UFSC.

“Caminhando pela cidade, minha pequena pátria, Itajaí” é uma visita aos palácios da memória, um percorrer caminhos desde os tempos da infância aos dias de hoje, em que o autor saboreia as delícias de relembrar e reviver a cidade do litoral catarinense, refletindo sobre a preservação do patrimônio cultural urbano.

---

**CRISTIANO CAVALHEIRO LUTZ**

Título da crônica: A RELAÇÃO ENTRE TRÂNSITO E ILHA DE FLORIANÓPOLIS: UM CAOS ATUAL



Nasceu em Frederico Westphalen/RS em 5 de setembro de 1979. É bacharel em Arquivologia com ênfase em Gestão da Informação e Documentação. Formado em 2002 pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria/RS, e Pós-Graduado na área de Estratégia, Planejamento Estratégico, Avaliação de Desempenho, pelo curso de Pós-Graduação MBA em Gestão de Negócios, do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), Santa Maria/RS. Atua como Arquivista na UFSC desde 2009, trabalhando no Departamento de Arquitetura e Engenharia (DPAE) na Divisão de Arquivo e Logística (DAL).

Sua crônica narra o caos no trânsito de Florianópolis, a dificuldade de mobilidade urbana e as poucas ações para melhoria desse caos, a conscientização da sociedade para utilizar outros meios de locomoção para amenizar os congestionamentos frequentes na cidade e melhoria na qualidade de vida da população.

---



---

## DANILO JOSE DOS SANTOS

Título da crônica: A MINHA LINDA E MARAVILHOSA FLORIANÓPOLIS



Nasceu em Florianópolis/SC, no Bairro do Pantanal em frente à UFSC. Durante sua infância, adorava jogar futebol. E por ser apaixonado por esse esporte, acabou jogando no Figueirense e Avaí, mas desistiu cedo. No ano de 1981, ingressou na UFSC. Completou o Ensino Médio, bacharelou-se em Geografia e, recentemente, aos 53 anos, concluiu Especialização em Gestão de Pessoas. Atualmente

está lotado no HU no cargo de Assistente em Administração.

O assunto escolhido de sua crônica teve o objetivo de reverenciar a bela Florianópolis. O autor nasceu e cresceu junto com a cidade e teve a oportunidade, quando pequeno, de visitar várias praias; na época eram muito tranquilas. Foram muitas lembranças boas de todos os pontos a que sua mãe o levava para passear, e o Mercado Público era o lugar de que mais gostava. Assim, o autor homenageia essa terra, falando sobre sua beleza e seus pontos turísticos. Concomitantemente, procurou falar um pouco de sua vida, e com esses dois objetivos foi nascendo essa crônica.

---

## **DIEGO MAURICIO BARBOSA**

Título da Crônica: UM DOS TRENS DE MINAS



Nasceu em São José do Rio Preto no estado de São Paulo, em 24 de junho de 1986. Na infância, morou no Paraná, passou a adolescência no interior do estado de São Paulo e viveu durante cinco anos em Uberaba, no estado de Minas Gerais, onde se graduou em Letras.

Atualmente mora em Florianópolis e trabalha como Tradutor Intérprete de Língua de Sinais/ Português na UFSC, no Centro de Comunicação e Expressão, e é mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET).

Sua crônica narra um pouco da história de Uberaba, a cidade pela qual se apaixonou. Mostra algumas de suas características e descreve sua trajetória, convidando todos a conhecerem não só essa cidade, mas esse Estado que fica no coração do Brasil.

---

## **ELAINE THAIS DA SILVA LIMA**

Título da crônica: A PITORESCA CIDADE DE TRÊS BARRAS



Nasceu em Rio Negro/PR em 5 de março de 1982, mas foi criada no município de Três Barras/SC. Formada em Secretariado Executivo pela UFSC em 2005, com Mestrado em Administração pela ESAG/UDESC em 2009. Atua como Secretária Executiva na UFSC desde 2010, trabalhando atualmente na Coordenação de Apoio

---

Administrativo do Centro de Filosofia e Ciências Humanas.

Sua crônica versa sobre os aspectos da vivência em comunidade nas pequenas cidades, ressaltando os momentos de sua infância na cidade de Três Barras.

---

### **EMILY VIVIAN VALCARENGHI**

Título da crônica: CAÇAPAVA DO SUL, A SEGUNDA CAPITAL FARROUPILHA



Nasceu em Porto Alegre/RS em 10 de julho de 1984. Formada em Arquivologia pela UFSM em 2007 e especialista em Gestão em Arquivos também pela UFSM em 2009. Iniciou sua atividade profissional na UFSC em setembro de 2008, sendo lotada na Direção-Geral do HU/UFSC.

Sua crônica descreve a cidade de Caçapava do Sul, a 2.<sup>a</sup> Capital Farroupilha, e suas figuras lendárias, cidade esta em que residiu desde seus primeiros meses de vida até seus 17 anos, e onde sua família continua vivendo.

---

## **GILZA MARIA DOS SANTOS**

Título da crônica: BALNEÁRIO DA MINHA ADOLESCÊNCIA



Nasceu em Florianópolis/SC em 3 de fevereiro de 1957, onde casou-se em novembro de 1973, permanecendo na Capital. Tem três filhas. Formada em Educação Artística pela UDESC em 1990 com Especialização em Gerontologia pela UFSC em 2001. Atua no Centro de Ciências Biológicas como Assistente em Administração na UFSC desde 1989, trabalhando na chefia de expediente do Departamento de Ciências Fisiológicas desde 1991.

Sua crônica narra um pouco da história do Balneário no século passado, bairro onde passou a infância e morou até o ano de 1980, ouvindo, desde criança, seus pais e avós comentarem as transformações daquele “bairro do futuro”.

---

## **GISELE IANDRA PESSINI ANATER**

Título da crônica: FLORipa



Natural de Concórdia/SC, a autora vive desde os dois anos em Florianópolis, cidade que a adotou e onde escreveu boas páginas da sua história. É formada em Letras Português e Literaturas pela UFSC, onde também fez Mestrado em Linguística e atualmente atua como Tradutora Intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa, cargo assumido em

novembro de 2010.

“FLORipa” é uma crônica breve, permeada de sentimentos de uma filha adotiva da Ilha. O texto revela um saudosismo de quem viu em tão pouco tempo as mudanças invadirem o lugar que hoje se tornou desejo de muitos. Com o objetivo de apresentar a sua terra natal, mas sem muito a dizer, a autora elege Florianópolis como berço e deseja mostrar que a vida, mesmo efêmera, precisa do seu registro. Que não há melhor maneira de fazê-lo senão conduzida por lembranças e pelos versos em “Rancho de Amor à Ilha”, que tão bem traduzem os encantos dessa terra. Por fim, a crônica deixa transparecer paixões nos mais diversos dos seus sentidos.

---

## JOSÉ ANTÔNIO DA SILVA

Título da crônica: QUERO A NOSSA FLORIPA DE VOLTA



Nasceu em Palhoça, grande Florianópolis/SC, em 8 de maio de 1956. Formado em Ciências da Computação pela UFSC no primeiro semestre de 1981, com Especialização em Administração, Gestão Pública e Políticas Sociais pela Faculdade Dom Bosco em 2010. Atua como Analista de Tecnologia da Informação desde maio de 1980 e trabalha atualmente na Comissão Permanente do Vestibular da UFSC (COPERVE).

Sua crônica faz um comparativo entre a Florianópolis atual e aquela de cerca de 40 anos passados, comenta sobre quanto a cidade cresceu, e o que esse crescimento proporcionou à sua população. Em sua narrativa,

o autor sonha com a volta da antiga Florianópolis, porém tem consciência de que isso é utópico.

---

### **LILIAN VISCARRA MOTTANA**

Título da Crônica: Uma luz acesa no final do corredor do CC



Nascida em São Paulo/SP em 1976, passou toda sua infância em Florianópolis/SC. Formou-se em Medicina pela UFSC em 2001 e fez residência médica de Anestesiologia em Joinville (2002-2003). Trabalha atualmente no HU-UFSC e Hospital Infantil Joana de Gusmão.

Sua crônica fala, de uma forma imaginativa e curiosa, sobre a rotina de trabalho em um setor mais restrito dentro de um hospital geral. Foca a visão de um profissional mostrando o dia a dia de um local pouco conhecido pelo público e de certa forma considerado misterioso.

---

### **MARIA INÊS NAVA AZEVEDO**

Título da crônica: O CASTELO DE LAURO MÜLLER



Nasceu em Lauro Müller/SC em 5 de junho de 1955, mas adotou Florianópolis como terra natal aos dezoito anos de idade. Formada em Letras pela UFSC em 1979, com especialização em Gestão Universitária pela UFSC em 1999. Atua como Técnica em Assuntos Educacionais na UFSC desde 1976, no

---

Departamento de Ciência e Tecnologia de Alimentos do Centro de Ciências Agrárias. Atualmente é mestranda em Administração Universitária na UFSC.

Sua crônica narra uma etapa marcante vivida pela autora na cidade onde nasceu, Lauro Müller, cujas memórias dos momentos bons ainda se misturam a tragédias ocorridas naquela cidade. São nostálgicas as visitas ao entorno do Castelo, onde passou parte de sua infância, e deslumbrantes os frequentes passeios à Serra do Rio do Rastro.

---

### **MARILDA APARECIDA DE OLIVEIRA EFFTING**

Título da crônica: BENDITA VIZINHA



Cidade natal: Rio do Sul/SC. Atualmente reside no bairro desterrense, Campeche. É Licenciada em Letras, pela UFSC. Na mesma instituição desenvolve atividades técnicas no Laboratório de Informática Jurídica/CCJ.

Um olhar atento à beleza incontestável de um (re)canto do bairro Campeche e um chamado a um bingo em comunidade são as temáticas motrizes da crônica: Bendita vizinha.

---

## **MIGUEL ARCÂNGELO BROERING**

Título da crônica: TRINDADE DE ONTEM, SAUDADES!



Nasceu em Florianópolis/SC em 22 de abril de 1961. Cursando Administração, atua como Assistente de Administração desde 1980, trabalhando na Divisão Central de Carreiras do Departamento de Integração Acadêmica e Profissional da UFSC.

Sua crônica narra o que viveu desde o nascimento no bairro Trindade, as transformações ocorridas e as dificuldades enfrentadas por seus moradores na atualidade.

---

## **PAOLA AZEVEDO**

Título da crônica: UM PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO



Nasceu em Florianópolis/SC em 31 de janeiro de 1984. Formada em Educação Física pela UDESC em 2006, em Administração pela UFSC em 2008, com especialização em Gestão Estratégica de Pessoas pela UGF em 2009 e Mestrado em Administração pela UFSC em 2012. Iniciou sua atividade profissional na UFSC em 2008 como Assistente em Administração, e em 2010 passou a atuar como Administradora na mesma instituição. Desde o princípio, atuou no Centro Sócio-Econômico como chefe de expediente do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social. Atualmente é Doutoranda em Administração na UFSC.



---

Sua crônica narra a situação em que se encontra um patrimônio histórico e cultural de Florianópolis, a Ponte Hercílio Luz

---

### **PAULO MARINO DAS NEVES**

Título da crônica: UMA ILHA ILHADA



Nasceu em Florianópolis/SC, em 15 de junho de 1964, mas sente-se um europeu por ter nascido precisamente na praia dos Ingleses. Com 25 anos de profissão na área de mídia, trabalha na UFSC desde 1993. Atualmente trabalha no Centro de Cultura e Eventos e é graduando do curso de Filosofia.

Sua crônica destaca, de forma nostálgica, uma Trindade (um bairro da ilha) que se foi rapidamente transformando devido ao surgimento de uma penitenciária, uma universidade e um hospital. Também destaca o quanto de verde a Ilha perdeu na troca de outros verdes em forma de moeda.

---

### **ROSÂNGELA T. EMERIM MOREIRA**

Título da crônica: NA BATALHA



Nasceu em Florianópolis/SC no dia 21 de novembro de 1961. Formada em Pedagogia. Especialista em Gestão Educacional. Atua como chefe de expediente no CAD. Entrou na UFSC em 1985.

Sua crônica narra, com sagacidade e ironia, a rotina de trabalho.

---

## **SILVIA VENTURI**

Título da crônica: CÓRREGO GRANDE, UM BAIRRO EM PLENO PROCESSO DE ENCOLHIMENTO



Nasceu em Curitiba/PR, em 29 de abril de 1972, mas é filha adotiva de Florianópolis desde os sete anos de idade. Formada em Biologia pela UFSC em 1994 com Mestrado em Botânica pela UFRGS em 2000, atua como Bióloga na UFSC desde 2008, trabalhando no Herbário do Departamento de Botânica.

Sua crônica narra um pouco da história do Córrego Grande, bairro onde foi criada e vive até hoje, acompanhando suas transformações e o processo acelerado de urbanização que vem sufocando a original ruralidade que caracterizava o bairro antes da chegada da UFSC e da Eletrosul às proximidades.

---

## **TAMARA PEREIRA DE OLIVEIRA**

Título da crônica: A MINHA RUA



Nasceu em Florianópolis/SC em 28 de dezembro de 1984. É graduada em Administração pela UDESC e em Ciências Contábeis pela UFSC, onde cursa especialização em Gestão Pública. Trabalha na Divisão de Benefícios e Licenças do Departamento de Desenvolvimento e Administração de Pessoal da UFSC.

A crônica "A minha rua" fala de uma rua do bairro Abraão, em Florianópolis, onde a autora residiu e passou a sua infância.

